



COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA:

CONCEPÇÕES E AÇÕES

Educação Infantil



SEMED
Secretaria Municipal
de Educação

2024



ADRIANE LOPES
Prefeita Municipal

LUCAS HENRIQUE BITENCOURT DE SOUZA
Secretário Municipal de Educação

ANA CRISTINA CANTERO DORSA LIMA
Superintendente de Políticas Educacionais

LEUSA DE MELO SECCHI
Divisão de Educação Infantil

EQUIPE TÉCNICA DA DIVISÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Lucia do Espírito Santo
Ana Rita Silveira
Aparecida Costa de Mello Silva
Cássia Aparecida Pompeu Muller
Dayani Silva da Cruz
Eduardo Rellysson Menezes Araújo
Estela Beatriz dos Santos Silva Braga
Irma Espíndola de Camargo
Juliana Pereira da Silva
Juliano Ferreira Franco
Kelly Mendes Ferreira
Laura Simone Marim Puerta
Maiara de Oliveira Nogueira Klava
Márcia Sebastiana Xavier
Márcio Luiz Lomba
Maureen Cristiane Geraldelli Almeida
Priscilla Casal Cândia
Simone Espíndola Tolin da Silva
Vânia Cristina Breganholi
Vilauta Teodora da Silva
Wilcelene Pessoa dos Anjos Dourado Machado

AO COORDENADOR PEDAGÓGICO

Este material foi organizado para contribuir com o seu trabalho nas escolas de educação infantil. Ele apresenta algumas dimensões da função do coordenador pedagógico como o acompanhamento das práticas realizadas na instituição, a formação continuada e questões que povoam o dia-a-dia, demandando atitudes de um profissional que seja comprometido com a educação infantil e, acima de tudo, com as aprendizagens e desenvolvimento das crianças.

Assim, trata-se de um documento orientativo para ser consultado, marcado, refletido, parceiro da dinâmica diária do seu trabalho.

É o que esperamos!
Equipe da Divisão de Educação Infantil



SUMÁRIO

1

**ATRIBUIÇÕES DA
COORDENAÇÃO
PEDAGÓGICA NA
EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Pag. 5

2

**ORGANIZANDO
O TRABALHO A
PARTIR DO
PLANO DE
AÇÃO**

Pag. 8

3

**O ATENDIMENTO E
AS RELAÇÕES ENTRE A
PESSOAS**

Pag. 10

4

**FORMAÇÃO DA
COORDENAÇÃO
PEDAGÓGICA**

Pag. 16

5

**FORMAÇÃO
DOS
PROFESSORES
E ASSISTENTES**

Pag. 18

6

**ACOMPANHAMENTO DA
APRENDIZAGEM E
DESENVOLVIMENTO
DAS CRIANÇAS**

Pag. 29

7

**DOCUMENTAÇÃO
DO TRABALHO
(PRODUÇÃO DE
REGISTROS)**

Pag. 33

8

**ROTINA: O
COTIDIANO DA
COORDENAÇÃO
PEDAGÓGICA**

Pag. 35

9

**ELABORAÇÃO/REVISÃO
DO PROJETO POLÍTICO-
PEDAGÓGICO**

Pag. 38

10

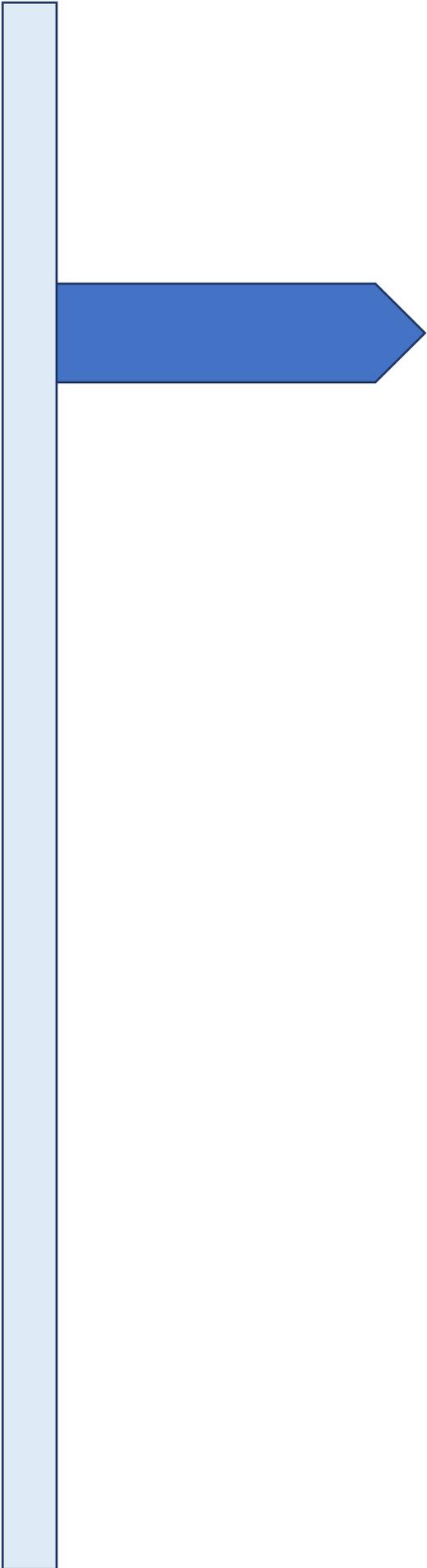
**ORGANIZAÇÃO
DE ACERVOS,
ESPAÇOS E
MATERIAIS**

Pag. 41

11

**OS TEMAS
DE HOJE E
SEMPRE**

Pag. 46



1

ATRIBUIÇÕES DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ATRIBUIÇÕES DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As demandas da coordenação pedagógica¹ nas escolas de educação infantil são diversas e exigem diferentes maneiras de intervenção junto ao trabalho desenvolvido por professores e assistentes, no sentido de provocar um olhar atento e reflexivo para que as práticas sejam coerentes com as concepções e as propostas idealizadas no projeto político-pedagógico da instituição.

Neste contexto escolar de variadas ações e concepções sobre o fazer pedagógico e sobre a função do coordenador, é fundamental o fortalecimento da sua identidade a partir da definição das suas atribuições, previstas no Regimento Escolar, como:

- participar da elaboração, da implementação e da revisão do projeto político-pedagógico e do calendário escolar, além de acompanhar e subsidiar o processo de planejar e executar as atividades curriculares;
- acompanhar o desempenho do corpo docente e discente no processo de ensino e de aprendizagem;
- promover formação continuada aos professores e demais servidores, com vistas à qualificação do processo de aprendizagem;
- executar e manter atualizados os registros relativos às suas atividades, além de implantar mecanismos de avaliação e de acompanhamento do trabalho pedagógico;
- promover o processo de integração entre professores, assistentes, pais, crianças e demais segmentos da comunidade escolar;
- acompanhar a assiduidade das crianças, em parceria com os pais e/ou responsáveis legais e manter permanente contato com eles, informando e orientando acerca da aprendizagem e desenvolvimento das crianças, a fim de obter informações de interesse para o processo educativo;
- promover discussão e reflexão com os professores a respeito dos instrumentos de avaliação na educação infantil;
- conhecer e utilizar os documentos oficiais (Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil/2009, Base Nacional Comum Curricular/2017 e Referencial Curricular Municipal/2020),

¹ **Coordenador pedagógico** refere-se ao profissional que desempenha a função de coordenação nas instituições de educação infantil, independente de ser designado ou não (apoio pedagógico).

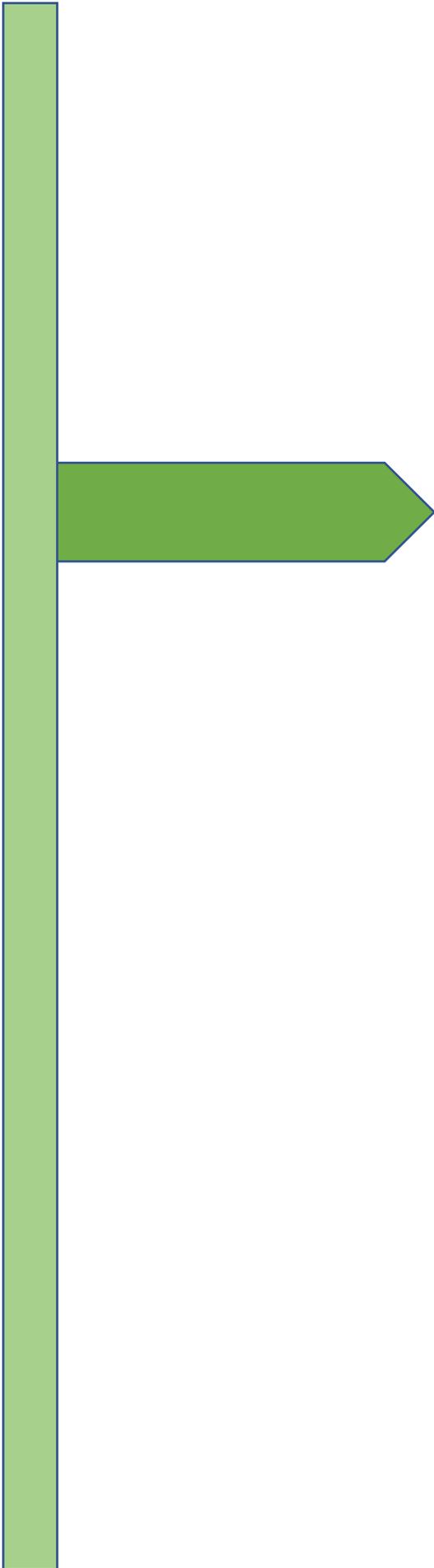
além das orientações organizadas pela Divisão da Educação Infantil, enquanto referência para as orientações e encaminhamentos;

- conhecer e respeitar a legislação vigente nos níveis federal, estadual e municipal;
- desempenhar, com competência, pontualidade, assiduidade, responsabilidade, zelo, discrição e ética referentes às funções que lhe são atribuídas;
- comunicar a autoridade imediata ou superior sobre as irregularidades de que tiver conhecimento na sua área de exercício;
- elaborar plano de ação, considerando a realidade da escola de educação infantil.

A partir do regimento é possível definir que o coordenador deve desempenhar diferentes ações, relacionadas à formação continuada, ao acompanhamento do trabalho pedagógico, aos registros em documentos, à organização do tempo e à avaliação, com vistas a garantir a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças. Para ilustrar, o quadro abaixo apresenta uma síntese do que é primordial o coordenador pedagógico concretizar em seu cotidiano:



Assim, organizar um Plano de Ação é um dos primeiros movimentos que podem contribuir para que toda essa demanda se efetive, pois, ao planejar, o coordenador pedagógico relaciona as prioridades, orienta o caminho a ser percorrido e evidencia as suas intencionalidades, o que fortalece a sua identidade e a sua importância nas instituições de ensino.



2

ORGANIZANDO O TRABALHO A PARTIR DO PLANO DE AÇÃO

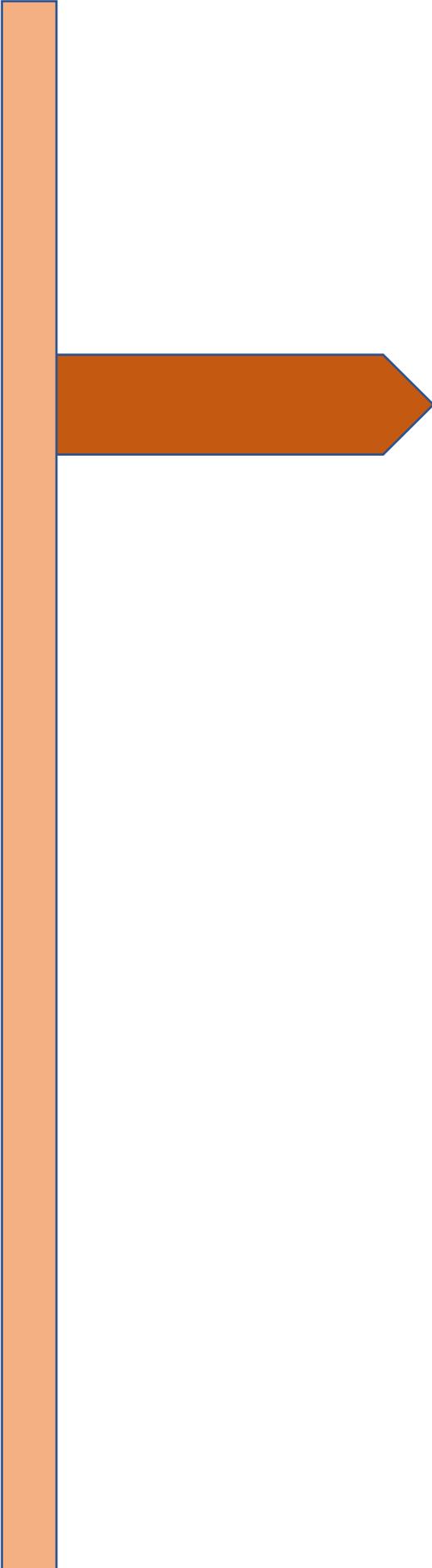
ORGANIZANDO O TRABALHO A PARTIR DO PLANO DE AÇÃO

O **plano de ação** da coordenação pedagógica antecipa e organiza as ações que necessitam ser desenvolvidas. É um instrumento didático que define prioridades e estratégias para chegar aos objetivos pretendidos. Deve ser elaborado pelo coordenador, a partir do levantamento das demandas do grupo, respeitando os conhecimentos e as necessidades dos professores, dos assistentes de educação infantil com os quais trabalha e o projeto político-pedagógico, o qual possibilita uma primeira aproximação dos anseios e expectativas da instituição.

Ante a importância de organizar o trabalho na instituição, é fundamental que cada coordenador pedagógico elabore o seu plano de ação no início do ano letivo, pelo qual apresente os seus propósitos, estabeleça as principais dimensões, para a atuação, defina os encaminhamentos, as estratégias e organize o tempo, ou seja, ele é o instrumento que irá definir o processo de organização, o acompanhamento do cotidiano, com atenção às prioridades da instituição educativa.

Não há um jeito único de elaborar um plano de ação. O importante é que o documento seja útil para sistematizar o trabalho, concretizar as ações previstas e possibilitar ajustes no percorrer do caminho. (**ANEXO A** - Referência de Plano de Ação).

Na sequência serão apresentadas algumas dimensões relacionadas à atuação do coordenador pedagógico, as quais orientam o seu fazer e são referências para a construção do plano de ação.



3

O ATENDIMENTO E AS RELAÇÕES ENTRE AS PESSOAS

O ATENDIMENTO E AS RELAÇÕES ENTRE AS PESSOAS

O coordenador pedagógico é responsável, juntamente à direção, pela gestão do currículo e precisa articular seu trabalho com os diferentes sujeitos da comunidade escolar (gestor, professores, assistentes, famílias, crianças, pessoal administrativo e pares da coordenação), além de assumir ações e desenvolver uma postura articuladora e colaborativa diante dos diversos sujeitos presentes no cotidiano institucional, envolvendo-os no desempenho de suas responsabilidades.

No entanto, na dinâmica do funcionamento escolar, muitas vezes surgem situações que ampliam as atividades realizadas individualmente e, nesse sentido, para que o funcionamento da escola não seja comprometido, muitas ações são desempenhadas por quem está disponível no momento, independentemente de ser sua atribuição.

Com o coordenador não é diferente e, por não lidar diretamente com as crianças, pode ser aquele profissional que muitas vezes vai atender a um telefonema ou a alguém que chega sem hora marcada, abrir o portão e tantas outras coisas. Essa demanda não pode ser a centralidade das suas ações, porém ser prestativo e parceiro da gestão, dos professores, das assistentes, do pessoal administrativo contribui para a construção de um ambiente de parceria e de colaboração.

Por tudo isso, vale reafirmar que as ações deste profissional se constituem nas relações, o que exige conhecimento da especificidade da educação infantil, da sua atuação no segmento de coordenação pedagógica e de um olhar cuidadoso sobre as perspectivas e as atribuições dos diferentes sujeitos que materializam a ação educativa junto às crianças.

Por isso, essas parcerias compõem a prática do coordenador e se fortalecem na medida em que são asseguradas as condições de trabalho colaborativo, ou seja, organizando a rotina, a partir das diferentes vozes, para possibilitar a tomada de decisões num coletivo, em que todos, conforme suas respectivas obrigações, possam contribuir no alinhamento e na organização do trabalho.

3.1 Parceria entre direção e coordenação pedagógica

A direção e a coordenação devem formar uma dupla gestora e, juntas, impulsionar a educação infantil para a concretização das ações educacionais necessárias para esse momento, atribuindo sentido nas atividades realizadas e acompanhar o cotidiano de todo o trabalho dos profissionais que atuam na instituição. Por isso, é importante definir, conjuntamente, algumas ações, tais como:

- participar e manter encontro semanal regular, com a finalidade de encaminhar as atividades prioritárias, avaliar as ações realizadas e tomar providências com a equipe;
- elaborar e implementar o calendário escolar;
- acompanhar e orientar professores e assistentes no preenchimento dos diários de classe;
- definir a organização e como será o acompanhamento semanal do trabalho desenvolvido na instituição, principalmente dos professores e assistentes;
- planejar a formação permanente dos professores e assistentes, definindo os temas, selecionando os textos, escolhendo os encaminhamentos;
- definir o processo de mobilização, acompanhamento e o atendimento às famílias;
- elaborar pautas e orientações de reuniões (pais, professores, assistentes);
- acompanhar, avaliar e registrar o trabalho docente para concretizar a avaliação final e a tomada de decisão referente ao trabalho educativo institucional;
- avaliar e acompanhar o desenvolvimento do projeto político-pedagógico e dos projetos institucionais;
- documentar todo o trabalho realizado.

A sustentação dessas ações colaborativas se dá com a realização de reuniões sistemáticas de preferência, semanais – entre a direção e a coordenação. É essa rotina e a disposição para o diálogo que vão contribuir para sustentar o trabalho pedagógico institucional.

3.2 Interação, cooperação e trocas com as famílias

A ação educativa nas escolas de educação infantil é complementar à da família, por isso não é possível definir o trabalho pedagógico sem conhecer, envolver e estabelecer vínculo entre a instituição e aqueles com quem as crianças convivem.

É fundamental definir e formalizar os processos de comunicação com as famílias, assim como promover ações que reforcem os laços, mobilizem o interesse de construir uma relação de parceria, confiança, respeito e diálogo constante em relação aos cuidados com a saúde, a alimentação, os objetos de apego, os medos, as preferências, as brincadeiras preferidas, o desenvolvimento e as aprendizagens das crianças.

Desde o primeiro momento, é preciso criar essa aproximação e transmitir segurança, oferecendo um ambiente acolhedor. Desta forma, cabe ao diretor e ao coordenador, neste processo:

- orientar os docentes sobre de que maneira comunicar e solicitar informações, definir e formalizar os processos de comunicação e promover ações que reforcem os laços com as famílias;
- zelar para que os valores e princípios da escola sejam preservados na abordagem com os familiares, pois algumas questões podem ser difíceis de lidar. No entanto, mesmo com normas a serem cumpridas pelas unidades, é possível organizar o trabalho sem rigidez;
- informar os pais quando as crianças se machucarem ou tiverem algum mal-estar, registrar e explicar todos os encaminhamentos - a depender da gravidade da situação, deve-se contatar imediatamente os responsáveis pela criança;
- estabelecer conversas diárias, comunicação por escrito, reuniões individuais e coletivas para tratar de temas específicos sobre as crianças e outras questões referentes a escola e demais assuntos;
- apresentar nas reuniões o calendário escolar para informar dias e horários de dispensas das crianças;
- informar sobre os projetos didáticos e de que maneira as famílias podem participar;
- estabelecer acordos comuns que favoreçam a transição das crianças do contexto familiar para o escolar;
- estar sempre presente nas reuniões para conduzir e registrar encontros entre famílias e professores;
- explicar sobre as especificidades da educação infantil, sobre as prioridades de cada grupo, sobre os conhecimentos e as experiências mais importantes, sobre a maneira que a

criança aprende e sobre como se ensina, para que os responsáveis tenham uma noção acerca da organização da vida das crianças na instituição de ensino, com o propósito de ajudar os responsáveis a compreenderem a função educativa da escola e qual a finalidade da educação infantil.

3.3 Atuação da coordenação pedagógica na resolução de conflitos

Esse é um aspecto importante que surge ante as relações estabelecidas na escola e constitui-se enquanto uma tarefa desafiadora para o coordenador pedagógico, ou seja, lidar com as relações estabelecidas entre os diferentes sujeitos que compõem a comunidade escolar interna e externa (professores, assistentes, administrativos, famílias). Não existe um manual para resolução de conflitos, porém a ação do coordenador, se for pautada no respeito, na ética e na imparcialidade, já abre um importante caminho para lidar com essas situações.

O coordenador precisa não só conhecer os documentos que subsidiam a prática pedagógica mas também desenvolver capacidades relacionadas a empatia, a escuta atenta, o respeito aos diferentes percursos das pessoas, a diversidade, e considerar, conforme Almeida (2016), que existe uma potência nas relações interpessoais e pedagógicas e que elas estão imbricadas, logo divergências com relação ao trabalho surgem e se não forem pautadas pelo respeito e pelo diálogo podem levar as relações a se fragilizarem e até provocar rupturas dentro das instituições.

Não se trata, no entanto, de o coordenador pedagógico sozinho realizar esse trabalho, mas dele compreender que seu papel articulador e formador dentro das escolas lhe exigirá uma atitude diante dos conflitos e que sua postura irá influenciar outros sujeitos, seja de maneira positiva ou negativa, nas situações que ocorrerem, por isso sua participação para as soluções pautadas na ação colaborativa e democrática é o que se espera em um ambiente institucional.

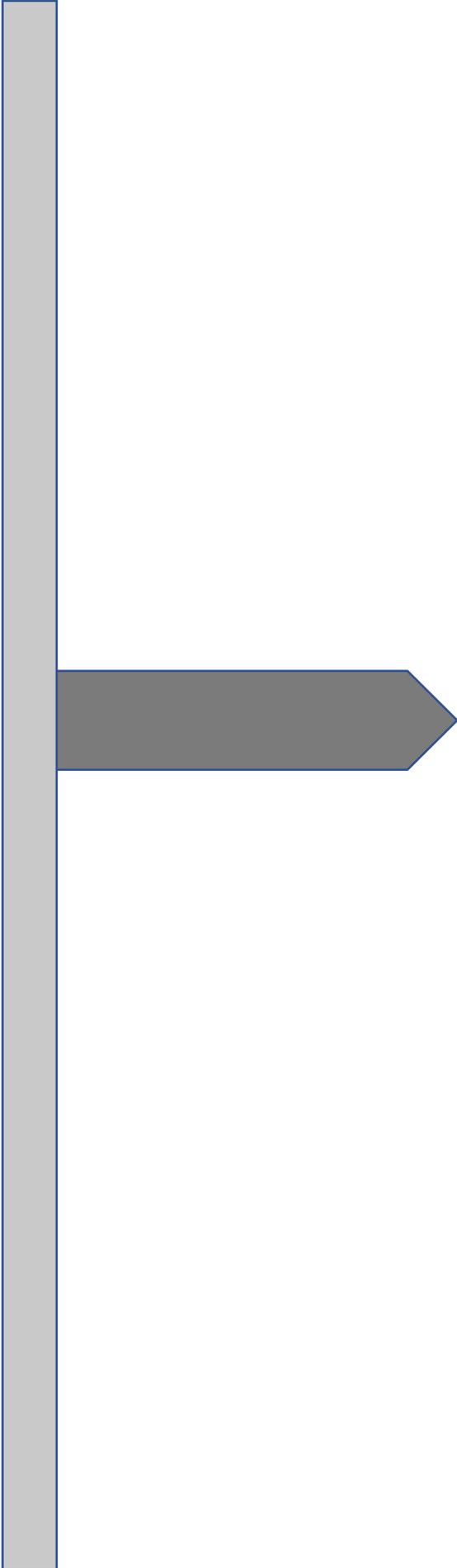
O coordenador pedagógico precisa pautar suas ações nos princípios éticos, democráticos e mobilizar o grupo para o trabalho coletivo. Essa postura reverbera na atuação de todos os sujeitos e cria uma identidade positiva na condução do trabalho deste profissional. Por essa razão, faz parte da sua rotina mediar conflitos. Não é uma tarefa fácil, porém necessária.

Por isso, evidenciamos algumas pistas que podem auxiliar os coordenadores nos encaminhamentos de situações conflituosas que possam surgir no cotidiano do trabalho:

- assuma uma postura de escuta e parceria com os diferentes sujeitos, pautando-se nos princípios éticos e nos aspectos profissionais;
- procure compreender os fatos e não comentários imprecisos e tendenciosos;
- evite comentários, opiniões e posturas inadequadas;
- seja imparcial, ouça o ponto de vista dos envolvidos nas situações conflituosas e pautar-se nos documentos oficiais e nas normas, para os encaminhamentos e as intervenções;
- observe os fatos para tirar suas impressões;
- resolva as questões que surgirem em tempo hábil, não protele para dar encaminhamentos e outras providências;
- recorra sempre ao código de ética, regimento escolar e outros documentos legais, para pautar as decisões;
- evite comentários desnecessários nos corredores e portões da unidade e não demonstre preferências ou privilégios por alguns parceiros de trabalho, pois todos merecem o mesmo tratamento e respeito.

A educação infantil traz especificidades na ação do trabalho pedagógico, pois as crianças precisam dos adultos para ter muitas de suas necessidades básicas atendidas, requerendo maior atenção, pois o trabalho exige dos profissionais uma série de ações que vão além de práticas fossilizadas difundidas pelo senso comum. Essas ações, conseqüentemente, requerem o rompimento com valores e práticas arcaicas, em busca de novos olhares, de transformação e de valorização, de conhecimento científico.

As divergências fazem parte de um coletivo de pessoas, não se pode olhar o diferente como sendo algo negativo, ao contrário, a exposição de diferentes ideias contribui para a melhoria do trabalho pautado no afeto e no cuidado.



4

FORMAÇÃO DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

FORMAÇÃO DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

O coordenador pedagógico é o professor que, geralmente, desempenhava suas atividades diretamente com as crianças em sala de aula. Essa experiência é muito válida no exercício da função de coordenador, porém é preciso assumir que há diferenças no desenvolvimento do trabalho de professor e de coordenador, bem como reconhecer que uma nova relação com a escola, com as crianças, com seus pares, começa a se estabelecer.

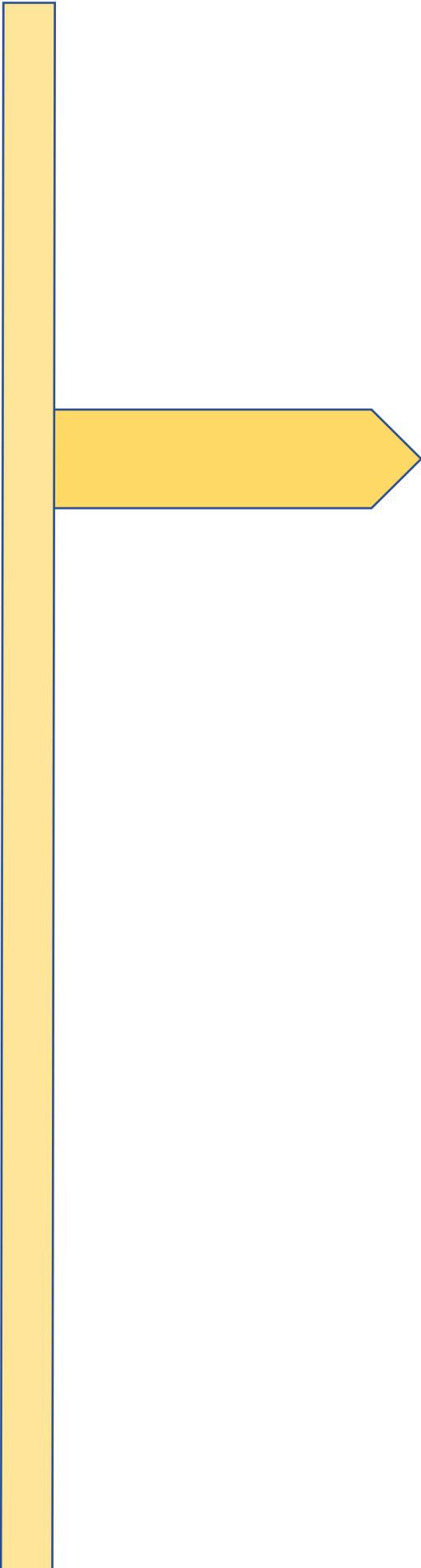
Ele irá colocar-se à frente do grupo de profissionais para cumprir, fundamentalmente, o papel de formador, o que exigirá e possibilitará a apropriação de conhecimentos relacionados ao desempenho do seu papel e à qualificação das práticas pedagógicas da instituição.

Dedicar tempo para a formação pessoal é fator primordial para o trabalho do coordenador. No processo de formação pessoal, o coordenador deve atentar-se para:

- realizar busca contínua por conhecimentos científicos no sentido de ampliar o próprio repertório sobre os aportes teóricos, didático-metodológicos, desenvolvimento humano e demais conteúdos de formação de professores;
- identificar as próprias necessidades formativas, assim como organizar o registro de situações, textos, excertos de textos significativos para as suas aprendizagens;
- investir em formação cultural, sabendo ser parte fundamental para o desenvolvimento profissional e, acima de tudo, humano.

Esse processo deve reverberar na construção de um pensamento crítico e reflexivo acerca do próprio trabalho, permitindo conhecer e analisar, juntamente com a direção, as ações, estratégias e os instrumentos desenvolvidos e utilizados pela coordenação pedagógica.

De acordo com Cristiane Pelissari (2007, p.1) “constituir-se formador implica desenvolver, progressivamente, um corpo específico de saberes” e, nessa perspectiva, evidencia que um bom coordenador pedagógico é aquele que desenvolve competência no desempenho de seu trabalho e aquele que busca aperfeiçoamento constante.



5

FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E ASSISTENTES

FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E ASSISTENTES

A busca pela qualidade do trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas de educação infantil passa pela formação continuada de seus profissionais e o coordenador pedagógico é o principal responsável pelas ações voltadas para essa finalidade. Sendo assim, constituir a escola sendo *locus* de estudo é o primeiro desafio, no sentido de envolver a todos com o compromisso de compreender a natureza do fazer pedagógico e dos processos de aprendizagem.

A formação continuada visa o desenvolvimento profissional e esse desenvolvimento implica uma reflexão sobre o fazer cotidiano à luz das teorias educacionais, reconhecendo a importância do acesso permanente a processos formativos, informações, vivência e atualização profissional, com vistas à melhoria da qualidade da educação básica, e a valorização dos profissionais da educação. Assim, com o intuito de constituir a escola enquanto espaço privilegiado de formação continuada, o coordenador pedagógico deve considerar:

- que a escola é um contexto colaborativo e investigativo de formação por meio da análise das **necessidades formativas** dos professores, que podem ser identificadas nas observações diárias, no planejamento das atividades propostas e desencadeadas durante as discussões nas próprias formações;
- os momentos formativos devem ser conduzidos de maneira dialógica, privilegiando a análise da prática pedagógica pautada em conhecimentos teóricos que permitam compreender as situações de forma mais profunda;
- os momentos formativos devem viabilizar propostas de encaminhamentos que alterem as práticas cotidianas e que possam ser retomadas e avaliadas novamente;
- a proposta de formação da instituição deve estar articulada ao projeto político-pedagógico, partindo das expectativas de aprendizagem para as crianças e dos conhecimentos que todos os profissionais devem se apropriar na organização do cotidiano escolar.

O direito da criança à educação de qualidade coaduna com o direito dos professores em participar de processos formativos na rotina escolar, pois essa foi uma importante conquista. Constituir o espaço escolar enquanto local privilegiado de formação consiste num grande desafio para o coordenador pedagógico, pois a dinâmica e as situações do cotidiano

das instituições muitas vezes são desafiadoras. No entanto, algumas **ações e estratégias** podem contribuir para que este profissional contribua com a formação de professores e assistentes de forma mais efetiva, neste contexto duas estratégias são fundamentais:

- planejamento das práticas formativas (encontros e observação);
- desenvolvimento das práticas formativas.

5.1 Planejamento das práticas formativas

Um plano de formação* é fundamental para que as ações do coordenador pedagógico sejam concebidas a partir de uma análise das necessidades formativas, dos conhecimentos dos professores (pedagogo, Arte e Educação Física) e assistentes, e do trabalho a ser realizado com as crianças. Conforme mencionado, o PPP é o instrumento que viabiliza essa articulação e pode ser a partir dele que o coordenador inicie o seu plano de formação. Na estruturação do plano, o coordenador deverá definir as principais ações e estratégias utilizadas, para abordar os conteúdos a serem trabalhados, e a organização do tempo de formação, distribuindo esse conteúdo ao longo do ano letivo. (**ANEXO B** - exemplo de Plano de Formação)

Ao elaborar o plano de formação o coordenador relacionará os elementos que permitirão antecipar os conteúdos que serão trabalhados com os professores e assistentes e, em linhas gerais, o que e como irá desenvolvê-los, permitindo a ele pesquisar, escolher e estudar a bibliografia, vídeos que fundamentarão as discussões.

* (é imprescindível discutir esse plano com o gestor da escola!!! - Também é válido compartilhar o plano com os demais profissionais para que compreendam as motivações, as escolhas dos temas e colabore com a construção).

5.2 Desenvolvimento das práticas formativas

Encontros em pequenos grupos

O processo formativo pode acontecer por meio de diferentes estratégias: quando o coordenador organiza professores e assistentes de um mesmo grupo (1 ou 2, por exemplo), ou que trabalham com a mesma faixa etária (0 a 3) e, ainda, um mesmo assunto (modalidades didáticas, planos anuais). Esses momentos devem ser estruturados de forma a otimizar o tempo e a criar as condições para aprofundar nas temáticas/conteúdos selecionados. Para tanto, defina os conteúdos a serem discutidos, os objetivos, tempo/duração da reunião, textos escolhidos (que precisa ser enviado com antecedência aos

participantes do encontro) etc. Antecipe e compartilhe com o grupo o que será discutido por meio dessa pauta! (**ANEXO C** - Pauta de Encontro de Formação)

É necessário realizar anotações de forma objetiva sobre os principais pontos discutidos e os encaminhamentos realizados, documentando o processo e recuperando as questões abordadas em diferentes situações: no acompanhamento do próprio trabalho, na recondução das ações e da memória do grupo.

Encontros individuais

Haverá momentos em que algum professor ou assistente precisará de um acompanhamento mais individualizado. Assim, reunir-se individualmente com o professor ou assistente para conversar sobre as considerações acerca do trabalho do grupo, análise dos planos de ensino, planos de aula, projetos, atividades, produções das crianças, atividades avaliativas e registros também podem ser consideradas ações formativas, desde que a intencionalidade seja evidenciada. Para tanto:

- utilizar a estrutura da pauta para reuniões em pequenos grupos, fazendo as adequações relacionadas a esse tipo de encontro, considerando: o planejamento de situações didáticas a ser realizadas na sala de aula; os procedimentos que possibilitem investigar, sistematizar e comunicar o que professores e assistentes aprenderam;
- estabelecer um cronograma de encontros com professor e assistente que inicia na instituição, preferencialmente semanal, para contribuir no acolhimento das suas necessidades e dificuldades (estudos, leituras, planejamento, produções etc.);
- articular as especificidades do trabalho dos professores de Arte e Educação Física, considerando os conhecimentos relacionados a educação infantil e as contribuições que as duas áreas oportunizam para ampliar a aprendizagem das crianças.

Os registros utilizados para planejar o encontro e para documentar o que foi discutido deve estar a serviço da atuação do formador e, principalmente, da aprendizagem dos professores e assistentes e devem ser arquivados, para marcar a história vivida e servir de referência, para identificar as necessidades formativas dos professores e para documentar situações significativas das formações desenvolvidas.

Encontros coletivos

As reuniões coletivas envolvem toda a instituição em torno de um tema comum, selecionado a partir das análises, discussões, observações, registros feitos pelo coordenador

e do projeto da instituição. Ou seja, o assunto a ser definido provém de uma fonte inesgotável de situações, o cotidiano da escola. Porém, de um cotidiano que se pretende compreender de maneira mais profunda, identificando questões e práticas que serão objeto de análise e reflexão para a ele retornar, qualificando o fazer pedagógico.

Alguns encaminhamentos do coordenador são necessários para planejar esse momento, no sentido de documentar e orientar quanto aos procedimentos a serem realizados. Veja os **ANEXOS D e E**: “Roteiro para Elaboração e Registro do Encontro de Formação” – “O que fazer antes, durante e depois dos encontros coletivos”.

Evite a **terceirização** destes momentos passando a responsabilidade para outras pessoas. Cabe à coordenação, junto com a direção, garantir esse momento de formação continuada em **horário de serviço** problematizando o cotidiano da educação infantil e criando estratégias coletivamente para mudar e qualificar o trabalho.

Assim, lembre-se que as formações consistem em momentos importantes de reflexão sobre o trabalho desenvolvido na instituição pois possibilita compreender o fazer pedagógico e alterar práticas a partir da incorporação dos fundamentos necessários que as qualificam.

Neste sentido, vale lembrar que o Conselho de Classe também é um momento importante de discussão coletiva, que visa acompanhar, avaliar e encaminhar ações para qualificar o trabalho educativo. Todo esse processo, quando bem encaminhado, consiste em oportunidade formativa para os envolvidos (direção, coordenação, professores, assistentes) uma vez que oferece ótimas oportunidades de análise e compreensão do funcionamento da instituição a partir de diferentes perspectivas.

5.3 A observação com a finalidade de prática formativa

Dentre as ações e estratégias formativas que devem compor o trabalho do coordenador, a observação permite uma aproximação efetiva ao fazer pedagógico de cada professor e às atividades desenvolvidas por assistentes, individualmente. Os elementos da observação devem estar a serviço do coletivo dos profissionais para serem possibilidades de análise, de compreensão e de socialização do saber constituído no diálogo entre os pares.

Para tanto, é preciso um compromisso ético e sensível do coordenador para constituir na escola um clima favorável de discussão e de identificação dos aspectos observáveis que poderão contribuir para o todo da instituição. Conforme, Madalena Freire escreveu, “não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade, nós mesmos. Nosso olhar cristalizado nos estereótipos produziu, em nós, paralisia, fatalismo, cegueira” (p. 45, 2014).

Nesse sentido, para educar o olhar numa perspectiva sensível, reflexiva e coletiva que inclui a “escuta de silêncios e ruídos na comunicação” o **ver** e o **escutar** são ações necessárias para a construção desse olhar, livre de estereótipos e preconceitos.

A ação de ver e ouvir as necessidades, compreensões, percursos de aprendizagem de professores e assistentes de forma articulada com os **conhecimentos** e **práticas** que se pretende construir, torna o trabalho do coordenador mais significativo, respeitoso e aberto a mudanças, num processo construído e não imposto*.

A prática de observação e acompanhamento do trabalho de professores e assistentes consiste numa ação valiosa, pois ao observar os profissionais em ação com as crianças possibilita uma visão ampliada e reflexiva da prática pedagógica desenvolvida na instituição e, para tanto, deve ser concebida como:

- uma ação articulada com as pautas e temas de formação que são estudados na instituição;
- uma estratégia na qual se levanta informações para a definição de temas e pautas formativas que contemplem as necessidades individuais e coletivas;
- o reconhecimento de boas práticas desenvolvidas na escola que podem ser compartilhadas com o coletivo do grupo;
- uma parceria entre o coordenador com os demais profissionais a ser conquistada no dia a dia, num processo de troca de experiências, de conhecimentos e problematizações destacadas pelo coordenador;
- o reconhecimento do papel do coordenador na qualidade de formador, o qual precisa, também, ter conhecimentos específicos sobre o trabalho pedagógico na educação infantil;
- intencionalidade transformadora de práticas pedagógicas, junto com o professor/assistente, e não para ser “flagrante” de comportamentos ou práticas que não sejam adequadas para o trabalho pedagógico e para a aprendizagem das crianças.

Assim, a prática de observação precisa ser **cuidadosamente encaminhada**. É fundamental que os professores e assistentes participem, conheçam e se reconheçam em todo o processo para que a ação seja realmente colaborativa e intencional. Desta maneira, destacam-se algumas ações necessárias que devem ser encaminhadas pelo coordenador para observar nos diferentes contextos da instituição:

- sensibilizar professores e assistentes sobre a importância do acompanhamento sendo parte da formação continuada;

- organizar um cronograma com os dias/momentos/turmas em que fará a observação e planejar uma pauta com os aspectos que serão observados;
- apresentar aos professores e assistentes o planejamento das observações de modo que todos possam participar das decisões, refletindo sobre os aspectos que mais precisam de apoio, reflexão e discussão;
- entender que durante a observação o momento é do professor ou das assistentes junto com as crianças, auxiliando se necessário ou se solicitado, sem provocar alterações no desenvolvimento das propostas organizadas;
- fazer anotações sobre os aspectos previstos na pauta durante ou após a observação;
- marcar dia e horário para socializar os registros realizados;
- registrar as devolutivas com análises, reflexões e encaminhamentos necessários a partir das anotações e com foco nos objetivos da observação;
- entregar uma cópia da devolutiva e possibilitar que os profissionais também deem a sua opinião sobre as observações, aponte as dificuldades encontradas e ressalte os pontos fortes;
- deixar registrado na devolutiva os pontos positivos que professores e assistentes devem manter estendendo-se também para outras situações. Apontar alternativas para a superação das dificuldades, sempre baseando as orientações em suportes teóricos;
- acompanhar nos planos de aula e nas organizações das experiências os efeitos dessas discussões, retomando-as se for necessário.

Essas são algumas ações possíveis e, obviamente, outras poderão ser incorporadas na organização do trabalho do coordenador. O importante é constituir um movimento contínuo de observação, devolutiva, reflexão, encaminhamentos e estudos para alterar práticas num processo democrático, emancipador, transformador e, nessa relação mútua, de trocas e construção do conhecimento, professores e assistentes possam cada vez mais se sentir confortáveis para convidar, voluntariamente, o coordenador para observar o trabalho desenvolvido por eles.

*A “ação de olhar é um ato de estudar a si próprio, a realidade e o grupo à luz da teoria que nos inspira ... na ação de se perguntar sobre o que vemos é que rompemos com as insuficiências desse saber e, assim, podemos voltar a teoria para ampliar nosso pensamento e nosso olhar” (FREIRE, p. 46, 2014) nossa reflexão, nossa prática e a realidade.

* **Obs.:** conforme mencionado, as anotações realizadas durante a observação devem ser compartilhadas, posteriormente, com os professores e/ou assistentes. A ideia é que esses profissionais possam retornar à prática realizada a partir de uma nova perspectiva e outros elementos, os quais possibilitarão análise e reflexão. É fundamental que o coordenador evidencie questões que possam ser discutidas do ponto de vista teórico e prático.
(**ANEXO F** – Pauta de Observação)

5.4 Acompanhamento do trabalho dos professores e das assistentes

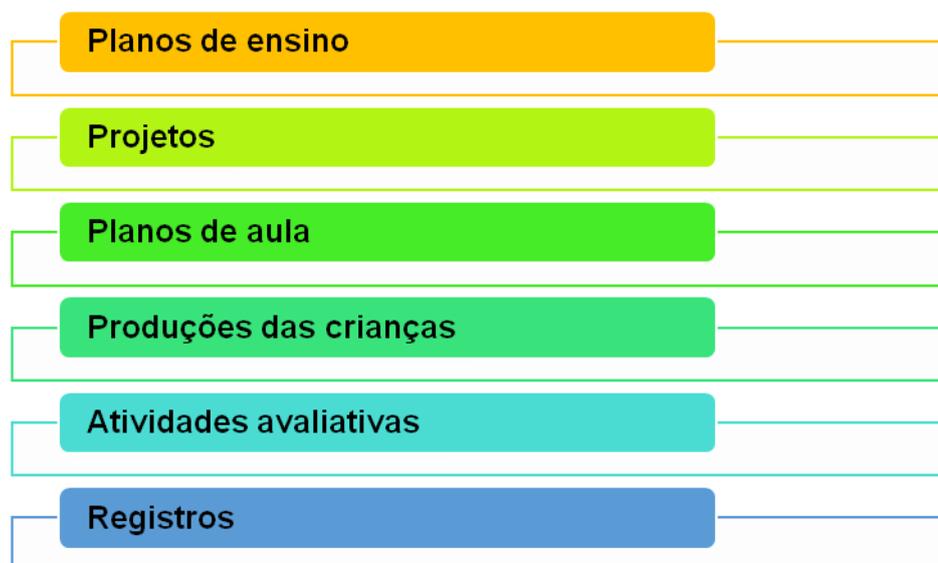
O coordenador pedagógico e o trabalho docente

O acompanhamento do trabalho docente (professor pedagogo, Arte e Educação Física) é uma importante ação para melhorar a prática educativa, pois é o momento de discussão, análise e ajustes das ações didáticas realizadas junto as crianças.

Para realizar o acompanhamento, o coordenador precisa ser capaz de analisar as experiências realizadas pelos professores, fazer intervenções e dar devolutivas que os ajudem na sua ação e reflexão sobre o trabalho.

Desta forma é necessário adotar um ritmo de trabalho que garanta atender e acompanhar o desenvolvimento das atividades diárias realizadas. Assim, é importante:

- reunir-se individualmente com o professor para conversar sobre as considerações acerca do trabalho do grupo, das necessidades das crianças e das famílias e produções do docente;
- disponibilizar materiais (textos, vídeos, orientações etc.) que sirvam de referência para qualificar o trabalho educativo planejado, fundamentando-se nos documentos orientativos da educação infantil;
- registrar por escrito todas as orientações dadas, esclarecimentos e informações tratadas, pedindo sempre a assinatura do(a) professor(a);
- acompanhar periodicamente o trabalho docente, por meio da análise das seguintes produções dos professores:



OBS.: os professores de Arte e Educação Física, muitas vezes, possuem poucas horas na instituição o que requer uma organização e atenção maior para que esses profissionais sejam incluídos no processo de acompanhamento e que se sintam pertencentes à escola.

O coordenador pedagógico e o trabalho junto às assistentes

As assistentes de educação infantil acompanham as crianças em toda a jornada na instituição em diferentes momentos e situações, seja junto com o professor da turma ou encaminhando as atividades junto às crianças, sob a orientação da coordenação.

Diante disso, as assistentes são aquelas profissionais da instituição que devem ser acompanhadas, sistematicamente, pela coordenação de forma a serem incluídas nos processos que visam qualificar o trabalho pedagógico da escola. Por isso é fundamental que o coordenador pedagógico estabeleça um acompanhamento do trabalho delas e com elas, podendo propor estudos, discussões e ações relativas ao que desenvolvem no cotidiano escolar.

É necessário desenvolver uma forma de acompanhar e direcionar o trabalho das assistentes na organização e efetivação das ações junto às crianças. Assim, é importante que o coordenador:

- reúna-se, individualmente ou em pequenos grupos, para conversar sobre as considerações acerca do trabalho, das necessidades das crianças e das famílias;
- acompanhe e direcione periodicamente o trabalho por meio da análise das propostas organizadas pelas assistentes;
- organize, oriente e auxilie na elaboração de atividades, jogos pedagógicos, materiais e recursos que favoreçam a interação, comunicação e aprendizagem das crianças;

- utilize diferentes registros para documentar as observações e subsidiar novas orientações às assistentes.

O acompanhamento do trabalho dos docentes e assistentes pelo coordenador possibilita o avanço na qualidade das práticas educativas e, desta forma, algumas ações, quando realizadas com frequência, podem promover intervenções mais significativas e efetivas, como:

Todo dia

- ✓ acompanhar a atuação dos professores e assistentes nos diferentes momentos da rotina, nos espaços diversos;
- ✓ circular pela instituição em diferentes momentos do dia para se inteirar dos acontecimentos mais recentes, se aproximar das crianças, auxiliar os adultos em alguma situação, dialogar, observar, enfim, conhecer o contexto em que atua para elaborar os conteúdos de formação, e é no dia a dia, que isso acontece;
- ✓ identificar aspectos das práticas docentes e das assistentes que podem ser aprimorados;
- ✓ registrar as observações mais relevantes para analisar e realizar intervenções.

Toda semana ou quinzenalmente

- ✓ promover encontros de professores e a troca de saberes e práticas (horário de planejamento), com pauta de discussão, com horário de início e término desses momentos sem, no entanto, impossibilitar aos professores planejarem suas ações individualmente;
- ✓ retomar e avaliar seu plano de formação para definir as pautas das reuniões semanais ou quinzenais e ajustar se necessário, de acordo com as necessidades de aprendizagem dos adultos;
- ✓ compartilhar a pauta da reunião de formação, em que consta o roteiro de conteúdos e estratégias, além dos materiais a serem utilizados – por exemplo, textos e vídeos;
- ✓ solicitar sugestões e comentários sobre a pauta. Se não for possível incorporá-los de imediato, você pode incluir esses aspectos nos encontros seguintes. Isso favorece a participação da equipe nas discussões e gera maior pertencimento e corresponsabilização pela realização da pauta;
- ✓ durante os encontros, favoreça as parcerias, colaboração e ações: comente, pergunte, escute, sugira.

Todo mês

- ✓ planejar tempo de conversas e devolutivas individuais, a fim de dialogar com cada professor e assistente sobre suas demandas específicas;
- ✓ ajustar e adaptar, com base em conversas, observações e materiais produzidos com a equipe docente, os aspectos que serão observados nos diferentes ambientes escolares, a fim de serem tematizados nas formações em serviço;
- ✓ ter conhecimento e acompanhar as necessidades de aprendizagens mais relevantes para cada grupo, com olhar atento as especificidades da faixa etária, com o objetivo de promover intervenções que efetivamente contribuam para o avanço das aprendizagens e desenvolvimento das crianças.

Todo semestre

- ✓ promover a autoavaliação dos professores. Com base nos processos formativos realizados durante o semestre, consultá-los sobre de que maneira eles compreendem suas participações em momentos formativos e seus avanços e desafios;

Todo ano

- ✓ revisar o projeto político-pedagógico da escola e eleger uma comissão de professores que fique responsável pela atualização e compartilhamento da parte relacionada à formação docente;
- ✓ elaborar instrumentos que possibilitem acompanhar as práticas docentes ao longo do ano, planilhas, relatórios, pautas etc.

Cada coordenador pode e deve elaborar seus instrumentos de registro e acompanhamento de acordo com suas necessidades e praticidade.



6

ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS

ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS

A compreensão da avaliação na educação infantil como sendo uma ação processual e intencional que cumpre **a dupla função** de criar procedimentos para acompanhar o trabalho pedagógico e avaliar o desenvolvimento das crianças, deve direcionar o trabalho do coordenador pedagógico na organização e definição de estratégias e intervenções para que as finalidades educativas sejam alcançadas ao longo do ano letivo, por meio de ações e ajustes mais assertivos na condução do trabalho.

Desta forma, uma diferenciação importante para realizar o processo avaliativo na escola consiste em compreender a avaliação **na/da** educação infantil, pois apesar de ser processos que avaliam distintos sujeitos e ações, eles se articulam e se complementam.

A avaliação **na** educação infantil, se realiza pela ação dos profissionais nas instituições, aquela que se ocupa do acompanhamento, da reflexão e intervenção dos e nos processos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Avaliação **da** educação infantil consiste na análise do contexto; das políticas para o acesso (oferta de atendimento), orçamento, espaço físico; nos recursos humanos, recursos materiais e processos (gestão, planejamento, currículo, relações/interações); nas condições objetivas em cada instituição.

O projeto político-pedagógico (PPP) apresenta itens relacionados ao “processo de avaliação e acompanhamento da aprendizagem da criança” e “do processo de avaliação interna da atuação e de avaliação dos profissionais”, nos quais devem constar a forma, os procedimentos, os instrumentos e as análises e ações desenvolvidas a partir da avaliação.

A avaliação enquanto uma ação formativa, precisa estar vinculada às práticas diárias dos professores e assistentes com intuito de aprimorar e avançar na compreensão do trabalho pedagógico da educação infantil. Assim, o coordenador precisa:

- conhecer o trabalho da equipe, levar em consideração as experiências, as estratégias, os instrumentos e as metodologias de cada professor e assistente;
- definir foco e prioridades da formação continuada e do processo de acompanhamento;
- elaborar instrumentos de acompanhamento que auxiliem na observação e registros e avaliação das práticas educativas;
- definir a periodicidade em que ocorrerá as avaliações mais sistematizadas.

Destarte, no sentido de constituir o processo avaliativo fundamentado nos princípios que caracterizam a educação infantil, algumas ações que já foram consolidadas pelas escolas da Rede Municipal de Ensino (REME) precisam ser incorporadas ao trabalho do coordenador, como:

Conselho de classe

O Conselho de Classe constitui-se em momento oportuno para que as discussões a respeito do trabalho sejam feitas coletivamente. Escolher o instrumento adequado para cada momento do ano e reconstruí-lo em função das questões que procuram investigar é muito importante porque isso vai contribuir para a orientação dos diferentes olhares que se pode ter sobre as crianças e o trabalho. Por isso, deve ser debatido com os professores, os assistentes da escola e a coordenação pedagógica.

Quando o professor, o assistente, o coordenador e/ou diretor de uma unidade leem um registro feito pelo outro, consideram sua perspectiva sobre determinado assunto e podem analisar as concepções de criança, aprendizagem e desenvolvimento que estão orientando o trabalho pedagógico na instituição.

O conselho de classe deve promover discussões teórico-metodológicas, acompanhamento sistemático, encontros de formação, elaboração de documentos e orientações para as escolas, por meio de ações conjuntas.

Avaliação permanente do trabalho dos professores e assistentes

O principal objetivo da avaliação no contexto dos docentes e das assistentes é a ação formativa, que precisa ser vinculada as práticas diárias com intuito de aprimorar e avançar na compreensão do trabalho na educação infantil e das práticas educativas realizadas.

O coordenador pedagógico precisa conhecer o trabalho da equipe, levando em consideração as experiências, as estratégias, os instrumentos e as metodologias de cada professor e assistente. Isso ajuda a definir o foco e as prioridades da formação continuada e o processo de acompanhamento, além de criar as condições para que junto com cada profissional discuta elementos relacionados às práticas desenvolvidas na instituição.

Para tanto, é possível utilizar um instrumento (**ANEXO – G**) organizado para esse fim, no qual são relacionados aspectos que podem conduzir as discussões do coordenador com esses profissionais, assim como permitir a eles refletirem a partir de uma autoavaliação, como: gestão de sala de aula; parceria coordenador–professor; reuniões pedagógicas ou reuniões de estudo.

Diante de tudo o que foi apresentado e discutido, o coordenador precisa se organizar no início do ano e definir o que será avaliado ao longo do ano letivo.

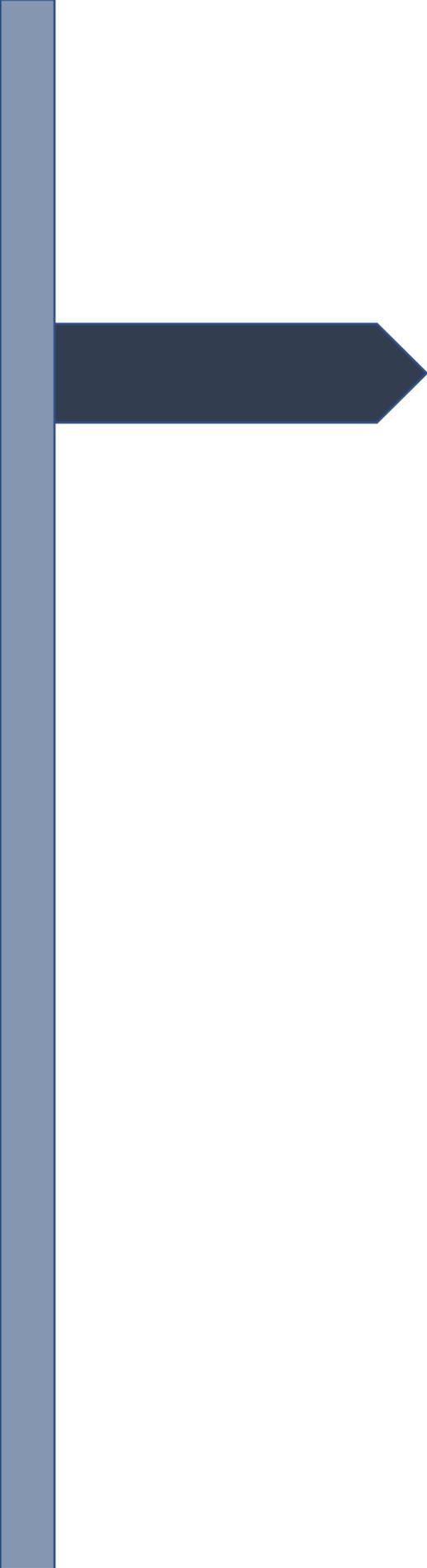
Autoavaliação do coordenador pedagógico

Avaliar a própria postura e prática é uma maneira de aprimorar e qualificar as ações do coordenador pedagógico que prioriza a ação formativa em sua atuação. A autoavaliação consiste em planejar, efetivar, avaliar, refletir e replanejar. O trabalho do coordenador é um processo constante para entender o que está funcionando, e o que não está em conformidade com as especificidades da educação infantil. Seu foco é trabalhar para a qualificação das práticas educativas que refletem diretamente na aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Quando realizada adequadamente, a autoavaliação fornece evidências do que precisa ser aprimorado na atuação do coordenador. Todo profissional deve se autoavaliar, na educação infantil isso se torna ainda mais essencial, já que essa reflexão sobre as próprias práticas permite que alterações sejam feitas a tempo de promover uma melhor atuação pedagógica em benefício das aprendizagens dos discentes no decorrer do ano letivo.

Nesse processo, é importante também possibilitar que a equipe participe das ações avaliativas, compartilhar necessidades de aprendizagem e domínio de algumas ações mostra a importância da reflexão e aperfeiçoamento constante de todos, independentemente de quanto tempo esteja atuando. Trata-se, portanto, de levar em conta a percepção das outras pessoas sobre a sua atuação - e não somente a sua própria impressão.

Observação: vale lembrar que anualmente a SEMED envia um formulário de avaliação do desempenho da coordenação pedagógica que será preenchido pela gestão escolar. Essa avaliação consiste em dar ênfase ao trabalho técnico do coordenador, como: acompanhar e subsidiar a prática pedagógica dos professores e assistentes; e a aprendizagem e desenvolvimento das crianças.



7

DOCUMENTAÇÃO DO TRABALHO (PRODUÇÃO DE REGISTROS)

7.DOCUMENTAÇÃO DO TRABALHO (PRODUÇÃO DE REGISTROS)

A escrita ajuda na documentação da história institucional, no foco da atenção que precisa ser dada para cada professor e assistente, nos aspectos que necessitam ser revisados, melhorados, valorizados ou implementados durante o desenvolvimento do trabalho educativo. Afirma Isabel Carillo (2001) que

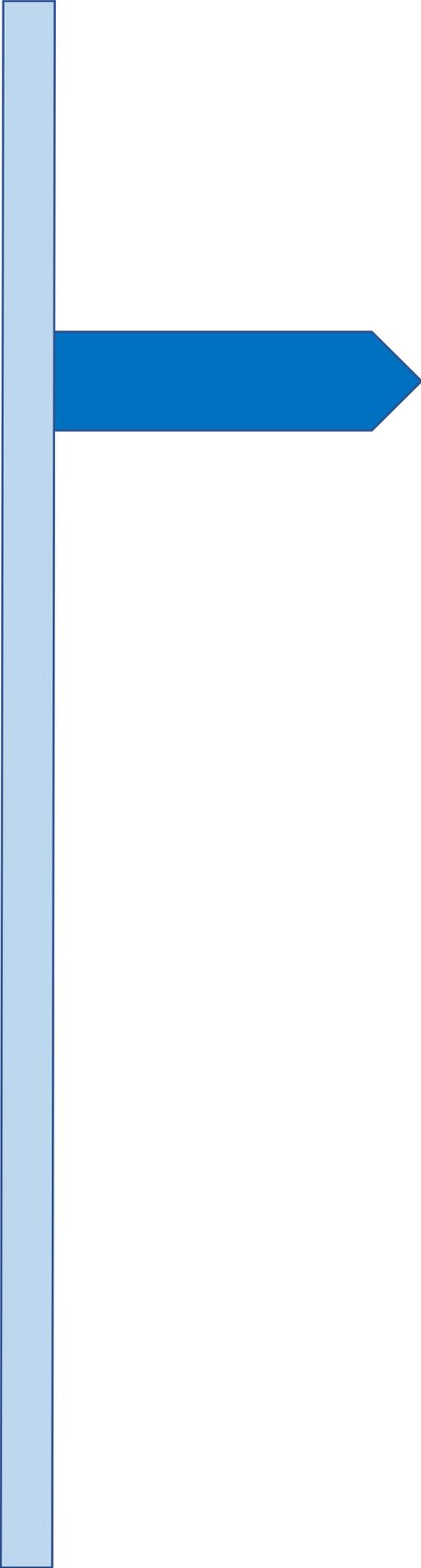
a escrita é um espaço de silêncio para lembrar a mudança e vislumbrar os rastros deixados, mas, ao mesmo tempo, nos leva a projetar novos espaços imaginários à luz daquilo que já foi, do que é e do futuro que ainda é incerto porque não é. É também um espaço para a descoberta de cada rosto, de cada olhar, das diferentes maneiras de pensar, sentir e de viver a realidade. (CARILLO, p. 51. 2001)

Enfim, os registros ampliam nossas memórias, documentam nossa história e os processos vividos, seus percursos, momentos e movimentos.

Além dos instrumentos de planejamento das ações previstas ao longo do ano (PPP, Plano de ação, Planejamento de formações) é função dos coordenadores organizar o registro de todas as ações realizadas, a exemplo de:

- acompanhamento das atividades desenvolvidas pelos professores e assistentes, assim como das orientações executadas;
- atendimento às famílias e reuniões com gestão escolar;
- planejamento dos encontros de formação;
- orientações da SEMED;
- frequência escolar das crianças e episódios relacionados à saúde delas;
- situações relacionais pontuais, entrada e saída das crianças etc.

Os registros destinam-se a diferentes finalidades e sujeitos. Lembrem-se que há aqueles que serão compartilhados com profissionais ou com as famílias e aqueles que são de uso pessoal, por exemplo, lembretes, observações, situações etc.



8

ROTINA: O COTIDIANO DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

ROTINA: O COTIDIANO DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Estabelecer e organizar uma rotina de trabalho não é tarefa fácil para a coordenação pedagógica de uma instituição de ensino, tendo em vista tudo o que foi apresentado até aqui. O cotidiano da escola é dinâmico e complexo, composto por pessoas com propósitos, concepções, histórias de vida e percursos profissionais muito diferentes. Estar à frente de uma instituição, assumindo a tarefa de estabelecer pontos comuns e um certo alinhamento com toda essa complexidade não é algo simples, mas possível a partir do compromisso e de ações organizadas pelo coordenador pedagógico.

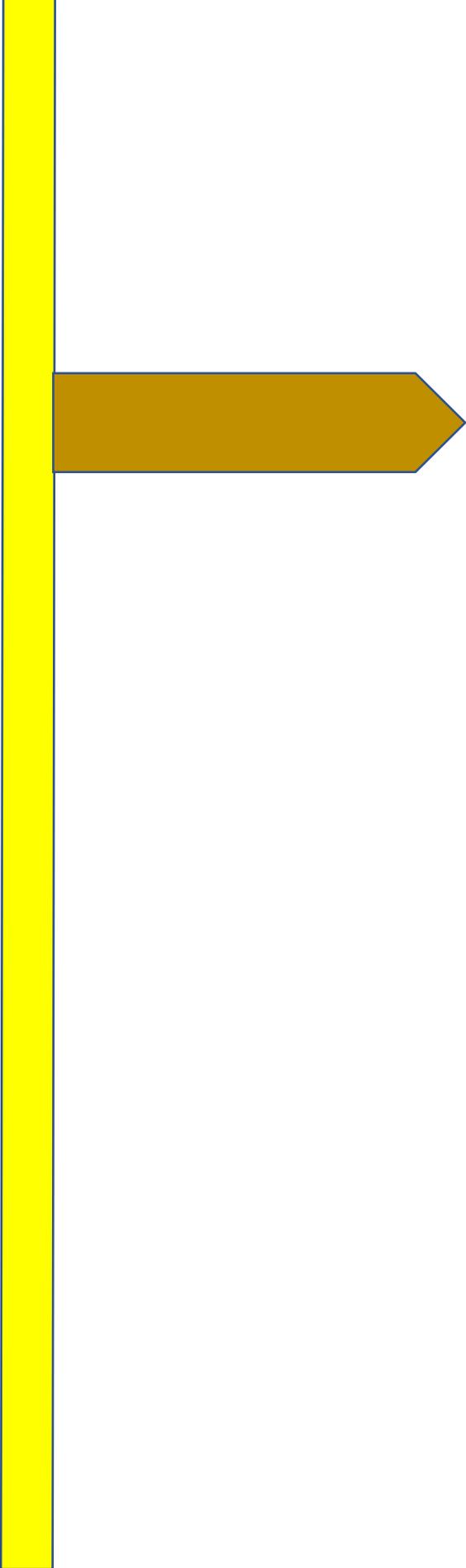
Como organizar o tempo, priorizar ações necessárias e articular com as demandas que surgem no dia a dia é um problema, e na maioria das vezes, fica sem solução, porque as urgências e emergências mobilizam as ações e as intenções de maneira imediatista, exigindo dos profissionais uma atuação rápida sem muita reflexão. Essas sucessivas demandas emergenciais tornam-se corriqueiras e se fortalecem, passando a ser as ações que comandam os dias, tornando as atribuições do coordenador pedagógico secundárias e até impossíveis de ser realizadas. Por conta de uma não organização do tempo e das prioridades, esse cotidiano atribulado tira o foco daquilo que é essencial no trabalho do coordenador.

As demandas emergenciais sempre irão existir e precisam sim ser atendidas, só não precisam ser todas resolvidas única e exclusivamente pelos coordenadores. É possível descentralizar as ações e entender que atuar na educação infantil exige uma perspectiva abrangente, intencional, planejada e participativa.

É necessário conhecer o cotidiano da escola para não ser absorvido pelo imediatismo e pelas frustrações do não realizado. Definir a função e o papel de cada pessoa na estrutura da escola, de modo que esse todo funcione de maneira orgânica e sistematizada. Desta forma, destaca-se a importância do coordenador organizar um cronograma diário das principais ações que derivam do plano de ação, de modo que seja possível sistematizar sua atuação na instituição, prevendo momentos para:

- orientar e acompanhar sistematicamente o planejamento dos professores e assistentes (EMEI) subsidiando o trabalho com as crianças;
- realizar estudos com os professores, voltados para as especificidades da educação infantil;

- acompanhar, subsidiar e intervir, regularmente, nas atividades pedagógicas desenvolvidas pelos professores e professoras, discutindo as propostas de organização e encaminhamentos;
- observar se o tempo destinado a cada atividade prevista na rotina das crianças está adequado ou extenso. É preciso auxiliar os professores e assistentes a organizar os tempos, espaços e atividades diárias, de modo que evitem as esperas prolongadas e desnecessárias pelas crianças.



9

ELABORAÇÃO/REVISÃO DO PROJETO POLÍTICO- PEDAGÓGICO

ELABORAÇÃO/REVISÃO DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

Elaborar e revisar o projeto político-pedagógico é uma tarefa coletiva que permite refletir sobre o passado, embasar o presente e ter metas pretendidas para o futuro. Dessa forma, não pode ser encarada enquanto uma tarefa burocrática a ser realizada pela gestão com objetivo de cumprir protocolo junto à Secretaria Municipal de Educação, mas sim, pelo contrário, deve ser construído por muitas “mãos”, permitindo um processo reflexivo que pondere erros e acertos, avanços e retrocessos, conquistas e perdas e requer um olhar para as estratégias que não deram certo e para as que foram bem-sucedidas, dando vivacidade e dinamicidade ao documento, que é a identidade da instituição escolar.

O desafio do coordenador pedagógico é promover a articulação entre os diferentes sujeitos que compõem a comunidade escolar garantindo que o processo seja democrático. As necessidades e os interesses devem ser ouvidos, já que elaborar, revisar e avaliar o trabalho educativo é tarefa de todos, que precisam sentir-se corresponsáveis pelos objetivos e resultados.

Todo início de ano, o coordenador deve retomar o PPP e, junto com o coletivo da escola, destacar elementos que deverão ser alterados em função do que foi avaliado no ano anterior e do que será desenvolvido no atual, para que o documento esteja sempre atualizado.

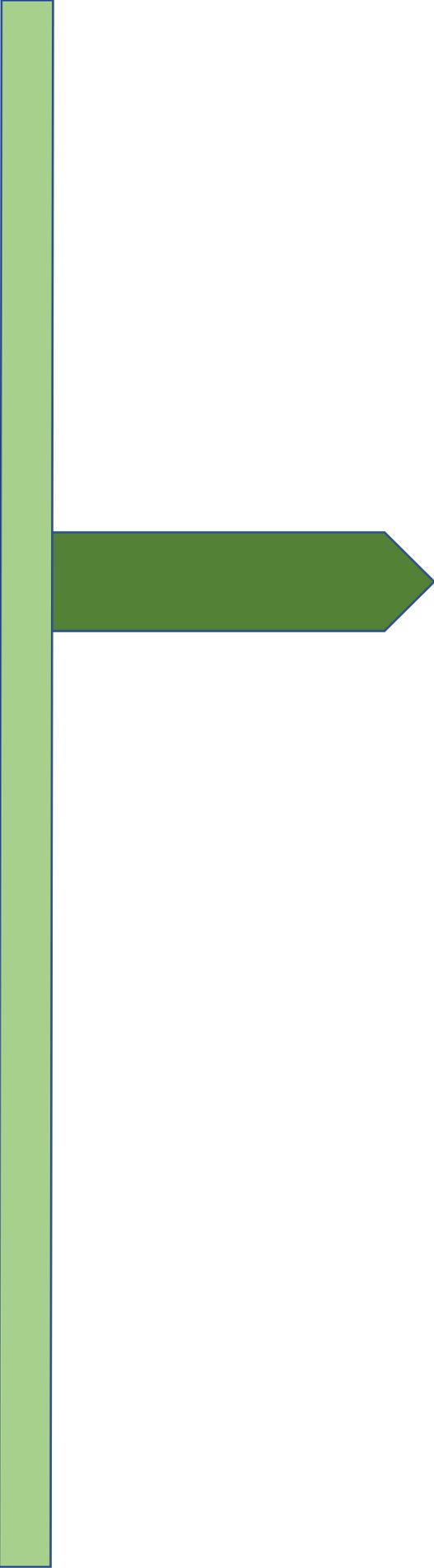
O processo de elaboração e/ou revisão do PPP tem sido orientado, sistematicamente, pela Divisão de Educação Infantil – Deinf, por meio de documentos e textos indicados para essa finalidade. Esse material está disponível no Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA Moodle e pode ser acessado pelo login e senha da instituição.

No que diz respeito ao trabalho, o coordenador pedagógico precisa, junto com a gestão:

- apropriar-se de todos os processos de revisão realizados;
- manter esse documento atualizado e acessível em arquivos organizados junto aos demais acervos da instituição;
- articular as práticas pedagógicas com o documento;
- articular os conteúdos formativos com as expectativas de aprendizagem das crianças e com as concepções expressas no documento;
- garantir oportunidades de conhecimento do documento, a participação de todos os profissionais e familiares no processo de revisão/elaboração;
- apresentar a proposta de revisão/elaboração do PPP, compor comissões de trabalho e definição do grupo de sistematização dos registros;

- avaliar o PPP, depois da elaboração/revisão e implementação, estabelecendo relação entre o projetado e o realizado;
- acompanhar e intervir no processo de ensino e de aprendizagem, para a identificação de dificuldades e alterações necessárias, além de proceder à análise dos problemas e ao encaminhamento de soluções.

IMPORTANTE: mesmo sendo um documento construído coletivamente, gestão escolar e equipe técnico-pedagógica devem estar na condução do processo.



10

ORGANIZAÇÃO DE ACERVOS, ESPAÇOS E MATERIAIS

ORGANIZAÇÃO DE ACERVOS, ESPAÇOS E MATERIAIS

Toda instituição de educação infantil possui acervos bibliográficos e documentais que registram a sua história e se constituem por serem fonte de pesquisas e lugar de memórias. Sua organização não é uma tarefa restrita à secretaria da escola, cabe a coordenação pedagógica zelar pela organização dos acervos que documentam seu trabalho, dos professores, das assistentes, das produções das crianças e do acervo literário e pedagógico da instituição.

Acervo documental do trabalho da coordenação pedagógica

Este acervo é composto por todos os documentos que orientam a prática pedagógica e os instrumentos construídos pelo coordenador para sistematizar e registrar seu trabalho. De acordo com Gouvea (2002) estes documentos precisam estar sempre organizados para serem consultados e servirem para montagem do acervo e da memória da instituição. Eles podem ser arquivados no formato impresso ou digital. O importante é que seja acessivo a todos e alimentado regularmente de forma que, independentemente dos profissionais que passarem pela instituição, seja algo constituído para ser consultado e para dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos. São eles:

- o projeto político-pedagógico;
- pautas de reuniões;
- registros e devolutivas de orientações sobre a prática dos professores e assistentes;
- planos anuais por grupo, projetos e sequências didáticas;
- textos teórico-metodológicos para estudos que fundamentam as especificidades de cada grupo da educação infantil.

Acervo de material para formação e livros literários

A organização do acervo de material para formação (livros, revistas, vídeos etc.) e livros literários da escola de educação infantil também passa pelo crivo da coordenação pedagógica, que, com a direção, os professores e os assistentes, devem escolher e primar pela composição de um material de qualidade que contemplem os diferentes gêneros textuais e livros de estudos para a toda a equipe.

Nessa perspectiva, o coordenador deve estar atento para compor uma diversidade de livros, autores e temas. No que diz respeito ao acervo literário, alguns critérios para a seleção e organização podem contribuir para a qualidade do acervo:

- selecionar livros que permitam o contato com os mais diversos gêneros da literatura (poesias, textos de tradição oral: parlendas, trava-línguas, cantigas, quadrinhas, contos maravilhosos, mitos e lendas, fábulas, contos modernos), tombá-los e classificá-los;
- livros de autores renomados;
- qualidade das ilustrações e do projeto gráfico.

Tão importante quanto permitir que as crianças e adultos tenham acesso a bons livros é, sem dúvida, a organização de um espaço convidativo que permita a exploração e o manuseio de livros, além das interações das crianças com o material, com as outras crianças e com os adultos.

Quanto ao acervo do material para formação (livros, revistas, artigos etc.), o coordenador deve organizar um espaço funcional para que todos possam consultar, emprestar, utilizar durante o planejamento e, para tanto, precisa estar devidamente catalogado. Assim, o coordenador deve:

- selecionar material com textos informativos para compor o acervo;
- mobilizar a equipe para que todos sejam responsáveis pela organização e atualização do acervo;
- tomar e classificar os livros, textos vídeos etc.

ATENÇÃO: é preciso criar uma cultura de responsabilidade na utilização dos livros que pertencem ao acervo da instituição. São muitos os usuários que tomam emprestado materiais (livros, artigos etc.) e, de fato, os acervos são constituídos para esse fim. Todavia, o que observamos nas instituições é o extravio desse material após o empréstimo. Cabe ao coordenador pedagógico, juntamente com a gestão, criar mecanismos de controle da entrada e saída desse material, além da responsabilização na ocasião da sua má utilização.

Acervo de material produzido por professores, assistentes e crianças

No decorrer do ano, professores, assistentes e as próprias crianças irão produzir materiais como, o produto final de um projeto, textos, livros, desenhos, coletâneas, relatórios etc. Essas produções podem ser selecionadas e fazer parte do acervo, sendo referência para

o desenvolvimento de outros trabalhos, trocas entre as turmas e para compor a história da instituição. Para tal finalidade, o coordenador deve:

- discutir com os demais profissionais sobre quais materiais irão compor esse acervo, bem como mantê-lo organizado periodicamente;
- tomar e classificar essa produção;
- promover exposição dessas produções para socializar com todos o que faz parte do acervo.

Organização dos espaços e materiais

O espaço físico organizado é um aliado dos educadores na educação infantil, logo é necessário investir tempo, energia e alguns recursos para assegurar o bem-estar físico, a segurança, a interação entre as crianças e a confiança das famílias.

A coordenação pedagógica deve orientar e acompanhar o trabalho dos professores quanto à organização dos espaços da instituição. O jeito que as salas estão organizadas, a disposição dos móveis, a acessibilidade aos espaços, brinquedos, livros, a exposição ou não das produções infantis, enfim, a “decoração” do ambiente são indícios reveladores sobre de que forma as crianças são vistas e consideradas nos espaços educativos.

Nesse sentido, vale lembrar que muitas das conquistas das crianças, corporais e cognitivas, passam pela exploração delas sobre o meio físico e as interações que nele ocorrem, conforme Horn (2004).

Diante disso, organizar esse espaço intencionalmente significa planejá-lo de modo a atender as necessidades de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, por meio da construção de ambientes desafiadores e ricos para elas. Assim, alguns procedimentos são fundamentais para subsidiar e acompanhar as ações dos professores, logo:

- garantir que as produções das crianças façam parte dos ambientes da instituição;
- garantir que os espaços de leitura sejam organizados e com fácil acesso aos materiais disponíveis;
- construir em parceria com os professores e assistentes, um cronograma de utilização dos diferentes espaços da instituição para a realização das demais atividades oferecidas às crianças em ambientes que sejam abertos, evitando tempo demasiado em ambientes fechados;

- refletir sobre como aliar as qualidades físicas de todo o espaço da instituição – o que é relevante ter (cartazes, objetos, adereços, tecidos, móveis), no sentido da acessibilidade e da exploração.

ATENÇÃO: É preciso sempre rever a decoração das salas, atentando para o excesso de cores, pois informação visual demasiada atrapalha observar o que é essencial. Nos locais onde há troca e banho dos bebês, recomenda-se evitar elementos decorativos, para que eles possam participar ativamente dos cuidados de si, estabelecendo vínculos com o adulto. As orientações apresentadas são possibilidades para a organização dos espaços educativos, que devem ser construídas ao longo do ano, à medida que o grupo se constitui, deixa sua marca, constrói sua história. O ambiente educativo é dinâmico e deve ser mudado conforme as crianças vão crescendo e transformando suas necessidades e conquistas. O que é significativo para as crianças? E o que faz parte do uso social? São algumas questões que, respondidas, podem auxiliar o professor nas escolhas e intervenções necessárias durante o ano letivo.



11

OS TEMAS DE HOJE E SEMPRE

OS TEMAS DE HOJE E SEMPRE

Diversidade e igualdade racial: conhecer, agir e mudar

A construção de um ambiente que educa para a diversidade e igualdade racial é construído a muitas mãos. É uma ação articulada entre gestão, equipe técnico-pedagógica e famílias, com objetivo de romper com as práticas de discriminação e preconceito existentes nos ambientes escolares desde a educação infantil.

Ao contrário do que muitos acreditam, discriminação e preconceito são problemas sociais que estão presentes no cotidiano da educação infantil. As crianças vivenciam muitos conflitos por conta de seus pertencimentos raciais. Por isso evitar que as crianças vivenciem situações de rejeição à sua aparência e a desvalorização de suas heranças culturais é papel de todos os profissionais que atuam com elas.

Cabe a coordenação pedagógica em conjunto com a gestão promover ações que assegurem que professores, assistentes e toda equipe da escola estejam atentos ao que preconiza as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2009) em seu artigo 8º, inciso 1º, ou seja, a exigência de que a proposta pedagógica da instituição de educação infantil explicita ações sobre o tema:

“(…) deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem:

VIII - a apropriação pelas crianças das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América;

IX - o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e a discriminação”.

Garantir o que prevê a Lei está para além de eleger um único dia para apresentação cultural esvaziada de sentido para as crianças, caricata e sem continuidade. Assim, em seu acompanhamento e nos processos formativos, o coordenador pode sistematizar ações para serem um projeto institucional que conjugue informações, conhecimentos, que se efetivem em práticas pedagógicas transformadoras. Nesse sentido, deve:

- organizar ações que promovam a igualdade racial a partir do planejamento anual, planos diários, da organização do espaço físico e na escolha de materiais, articulados nos diferentes campos de experiências;
- utilizar os indicadores de qualidade para a educação infantil com questões que abordam o tema para identificar problemas relacionados à temática na instituição;

- socializar e discutir os dados levantados a partir dos Indicadores com os profissionais da instituição a fim de verificar possibilidades de intervenção;
- manter canais de comunicação com as famílias buscando o reconhecimento da diversidade, acolhimento e a cooperação mútua;
- buscar parcerias com Organizações da Sociedade Civil – OSCs, museus que trabalham a questão racial, etc.

Um olhar para o trabalho educativo inclusivo

Um trabalho educativo inclusivo nas escolas de educação infantil sustenta-se na perspectiva de um olhar atento e intencional na organização do currículo e no desenvolvimento de práticas educativas que garantam a consolidação dos direitos e os objetivos de aprendizagem, expressos por meio dos campos de experiências e promotoras de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

As experiências devem alimentar o desenvolvimento do corpo, do pensamento, da imaginação e dos sentimentos, de modo a integrar as ações de cuidar e educar e, ainda, propiciar a formação de novos e singulares interesses infantis sobre os conhecimentos acumulados pela humanidade ao longo da história.

Neste processo **todas** as crianças devem ser **incluídas** e é responsabilidade dos profissionais que atuam nas instituições terem um olhar atento aos educandos e um projeto de educação inclusivo, que atenda todas as crianças nas suas especificidades e necessidades.

Desta forma, a coordenação pedagógica ocupa uma função imprescindível no encaminhamento do trabalho educativo, articulando os profissionais da instituição, a família e outros profissionais especializados para garantir as adaptações, recursos e outras demandas que contribuam para o processo de interação, comunicação, aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Para atender estas demandas os coordenadores devem orientar e acompanhar periodicamente os **professores, assistentes de educação infantil e assistentes de educação inclusiva** com relação ao trabalho pedagógico dos grupos, das necessidades das crianças e da parceria com as famílias, por meio de análise dos planos de ensino, planos de aula, projetos, atividades, produções das crianças, processos avaliativos e registros. Abaixo, seguem outras considerações importantes para serem desenvolvidas, impreterivelmente:

- reunir-se individualmente com o professor para conversar sobre as considerações a respeito do trabalho do grupo, das necessidades das crianças com deficiência; isso vale para todos os professores incluindo de arte e educação física;
- discutir com os professores e assistentes formas para desenvolver o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos das crianças;
- acompanhar nos planejamentos dos professores a efetivação das diferentes linguagens e dos vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical, literária, teatral, cinema, dança, fotografia;
- orientar os professores e, junto com eles, orientar as assistentes na elaboração de estratégias para a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas respeitando suas especificidades e singularidades;
- mediar a articulação de algumas práticas com as famílias que podem possibilitar o desenvolvimento da autonomia nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar, progressivamente, respeitando as especificidades das crianças e suas potencialidades;
- orientar os professores com relação as vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, para ampliação das referências e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade; da curiosidade, do respeito, da exploração e do encantamento;
- compartilhar com as famílias o trabalho da instituição junto às crianças para que estas possam conhecer e contribuir com a ação educativa;
- discutir com a direção, quando necessário, modificações, flexibilização, tolerância, compreensão do comportamento e das necessidades emocionais das crianças, evitando padronizações que não respeitem suas especificidades;
- contribuir com a equipe para compreender que as crianças possuem diferenças na aprendizagem, no desenvolvimento, nas diferentes maneiras de interagir e comunicar-se, com interesses e necessidades diversas.

Vale reiterar que essas diferentes formas de ser, tornam-se para a instituição uma tarefa desafiadora e necessária, é preciso ter consciência que independentemente das condições físicas, sensoriais, cognitivas ou emocionais as crianças possuem o direito e a possibilidade de conviver, interagir, trocar, aprender, brincar e ser feliz.

As mordidas e o desfralde

A mordida é sempre um tema recorrente na educação infantil. Apesar de frequente, pois esse é um comportamento presente nesta etapa educacional, principalmente nos grupos de crianças de zero a três anos, é um desafio para os profissionais que atuam nas escolas. Afinal, precisam lidar com o choro das crianças, as marcas das mordidas, a reclamação e aborrecimento dos pais e a incompreensão de muitos adultos.

Frequente, também, deve ser a discussão acerca da retirada das fraldas, o que demanda atenção e planejamento cuidadoso por parte dos educadores e da família. É preciso compreender que esse aprendizado implica o controle voluntário dos esfínteres, o que envolve o desenvolvimento do sistema nervoso, cognitivo e de aspectos sociais. Esse processo permite a percepção e identificação das sensações corporais e o controle muscular para reter ou expulsar a urina e as fezes. No processo dessa aprendizagem pela criança, o adulto tem um papel primordial, na construção de vínculo positivo, para estabelecer uma relação de segurança afetiva e confiança mútua, quando percebe a capacidade e o potencial da criança e respeita seu ritmo.

Os coordenadores pedagógicos devem recorrer aos textos e às orientações realizadas pela equipe da Deinf para compreender melhor essas situações e, junto com a direção, com os professores e com os assistentes, discutir possibilidades de ação relacionadas às situações de mordidas e ao processo de desfralde. Com isso, é possível:

- focar a discussão e proceder a algumas ações que possam antecipar as situações, nas quais, as mordidas ocorrem para evitá-las;
- estabelecer alguns procedimentos a serem realizados quando houver mordida (o que fazer com a criança que mordeu, com quem foi mordida, quem fará a comunicação com as famílias e como serão esses diálogos);
- discutir, junto com professores e assistentes, quando surgir a situação de mordida, para compreender o contexto e evitar a recorrência;
- discutir, no projeto político-pedagógico, como será o processo de desfralde das crianças na instituição;
- apresentar às famílias e aos novos profissionais da instituição o modo que o trabalho de desfralde é realizado;
- negociar com as famílias o processo de desfralde, na instituição, respeitando as diferentes maneiras de o fazer.

Atenção, prevenção e ação

Na educação infantil, todas as práticas envolvem especial atenção, pois as crianças precisam dos adultos para ter muitas de suas necessidades atendidas, requerendo maior atenção, cuidado e conhecimento. Essas ações vão além de práticas difundidas pelo senso comum. O trabalho com crianças de zero a cinco anos compreende a integralidade do desenvolvimento afetivo, emocional, social e cognitivo.

A instituição de educação infantil deve ser lugar de socialização, de convivência, de trocas e interações, de afetos, de ampliação e inserção cultural, de constituição de identidades e construção de conhecimento. Lugar em que as crianças partilham situações, experiências culturais, rotinas, convivência com as diferenças.

A gestão escolar e a coordenação pedagógica devem **orientar** todos os profissionais da instituição (professores, assistentes, técnicos administrativos) que as relações com as crianças devem estar pautadas no respeito e na ética, **ficando explicitamente proibido qualquer ação violenta, negligência, repreensão ou castigo que possa causar prejuízos físicos e psicológicos às crianças** (DCNEIs, 2009, Art. 8º, §1º, inc. X).

Por isso, o coordenador pedagógico cumpre papel essencial para prevenir e tomar providências quando as crianças forem violadas em seus direitos fundamentais. Para tanto, seguem algumas orientações, para agir de forma preventiva, conscientizando o grupo a respeito da violência*.

***VIOLÊNCIA:** toda a ação que usa a força para ir contra a condição da criança. A força, nesse sentido, é entendida como a superioridade do outro para concretizar um desejo por meio da imposição, sem uso do diálogo. Para compreender e combater a **violência psicológica** é preciso saber de que forma ela pode se apresentar no cotidiano das instituições, assim apresentamos algumas pistas que auxiliam na identificação e nas intervenções necessárias.

Rejeição: não há um reconhecimento das necessidades da criança por parte de quem é responsável. Essas necessidades não são valorizadas nem reconhecidas como legítimas. O professor sempre estabelece uma distinção na forma de tratar a criança em comparação com outra.

Difamar: muitas vezes, tem relação com a rejeição e o depreciar a criança, publicamente, com intuito de humilhar perante os colegas, atribuir apelidos que caracterizam a criança como ser inferior, sem importância.

Terrorismo: ameaça à segurança da criança. Tem a característica do uso da coerção enquanto meio de conseguir algo pelo terror, medo, ameaças, castigos, exigindo, dos pequenos, atitudes não compatíveis com a idade, acessos de raiva incontroláveis por partes

dos professores.

Isolamento/confinamento: a criança é impedida de se relacionar, de brincar, de explorar o espaço, de ter contato com amigos.

Indiferença frente às demandas afetivas da criança: oposta à rejeição, que é uma ação que se apresenta de forma explícita, a indiferença assume uma forma passiva de negligenciar. O professor passa a ser indiferente às necessidades afetivas da criança.

Koehler (2003), baseada na “American Professional Society on the Abuse of Children” (APSAC)², apresentou um guia para fornecer pistas da manifestação da violência psicológica.

O processo de adaptação nas escolas

A adaptação é um tema que necessita ser retomado e discutido com todos os profissionais da instituição, pois ela não acontece apenas quando a criança vai pela primeira vez à escola, mas sempre que se depara com novo ambiente, por exemplo, uma mudança de escola, de turma, ou quando se ausenta por um período da instituição. É o momento de transição, em que a criança vai se habituando à nova rotina, longe dos familiares que são a sua referência.

Por isso, esse período deve ser olhado com atenção por diretores, coordenadores, professores e assistentes. São muitas as estratégias que podem ser utilizadas nesses momentos:

- as primeiras semanas de adaptação são especiais e requerem uma programação diferente. Definir horários para que as crianças aumentem, gradualmente, o tempo na instituição ajuda a acostumá-las com o ambiente, e não há regras, pois algumas demandam um tempo a mais para se adaptar, motivo por que esses horários devem ser flexíveis;
- é essencial oferecer um ambiente acolhedor para as crianças e estabelecer vínculo entre a instituição e a família, mantendo um diálogo constante, pois é importante conversar com os pais sobre seus filhos, em relação ao cuidado diferente com a saúde ou a alimentação, seus objetos de apego, seus medos, suas preferências, brincadeiras preferidas etc.;
- desde o primeiro momento, é preciso criar uma aproximação e transmitir segurança para a criança, o que não quer dizer que se deva forçar uma relação, mas sim criar o bom relacionamento ao longo das primeiras semanas – adultos devem se mostrar disponíveis para ajudar a minimizar a sensação de ruptura e facilitar a adaptação;

² Disponível em: <<http://www.apsac.org/>>.

- a despedida costuma ser marcada pelo choro, momento em que os profissionais precisam transmitir segurança, embora o choro da criança pareça estranho, desconfortável, barulhento e sofrido; essa manifestação é natural e esperada, razão pela qual é primordial transmitir confiança para a família, para que os pais fiquem seguros de que a escola saberá lidar com a angústia da criança diante da separação;
- o adulto não transmite segurança para a criança somente pelo tom da sua voz mas também pelo corpo, pela a fala e pelos gestos, motivo pelo qual o responsável deve entregar a criança ao adulto, não o profissional retirá-la do colo do familiar – ou mesmo puxar sua mão –, visto que isso transmite sensações negativas para a criança e dificultará a adaptação; as ações da criança devem ser espontâneas, sem imposição do adulto;
- os objetos de apego (um brinquedo, uma chupeta, um objeto ou algum tipo de pano) podem ajudar a confortar as crianças por remeterem ao seu ambiente familiar;
- nesse período de adaptação, é fundamental inserir as crianças em atividades significativas, do tipo rodas de histórias, rodas de conversa, atividades com pinturas, massas de modelar, misturas variadas, brincadeiras ao ar livre, na terra ou no barro, e dar atenção aos cuidados essenciais e à construção de uma rotina significativa e participativa;
- com os devidos cuidados e atenções, a adaptação tende a ser bem-sucedida, porque, aos poucos, a angústia e a ansiedade dos pais e das crianças vão se dissipando e dando lugar à relação de confiança entre a família e a escola, que é a base para uma vida escolar tranquila e com muitas aprendizagens.

Tarefa de casa

As tarefas de casa podem ser boas situações de aprendizagem se forem pensadas e planejadas a partir do que as crianças conseguem compreender e realizar com autonomia.

Uma boa referência para avaliar a pertinência dessas atividades é verificar se as crianças precisam da ajuda de algum adulto para dar conta da sua elaboração e se essa ajuda apresentar mais ações do adulto do que da criança, a tarefa não é boa nem adequada.

As tarefas, que são propostas para serem realizadas em casa, devem apresentar desafios e serem interessantes, levando-se em conta a aprendizagem e a significatividade, sem exigir das crianças o que elas ainda não são capazes de responder ou, no caso das famílias, situações que não sejam possíveis de realizar.

Portanto, a positividade ou não da lição de casa vai depender de diferentes aspectos: da inserção que a escola faz dessa atividade no seu projeto político-pedagógico; do tipo de atividade planejada e propostas às crianças; da capacidade de compreensão das crianças;

dos encaminhamentos que os professores realizam no momento que apresentam a lição de casa para as crianças; da maneira que essas atividades são trabalhadas em classe pelas professoras, enfim, do sentido que a escola dá para esse trabalho.

Vale considerar que, no caso das crianças que ficam período integral na escola, as lições de casa são desnecessárias, pois o tempo institucional é suficiente para realização e aprofundamento de todas as atividades escolares previstas.

Tendo em vistas esses aspectos, o coordenador deve:

- orientar os professores a encaminharem atividades que possibilitem levar à discussão e reflexão das crianças e também identificar os êxitos e as dificuldades encontradas;
- refletir junto com os professores sobre a adequação do que foi proposto, afinal, vale lembrar que o objetivo da lição de casa não é ocupar o tempo das crianças;
- refletir com os professores sobre a pertinência das atividades, considerando que somente exercícios de memorização, repetição e treino, também não são adequados, pois não favorecem a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças;
- orientar os professores a retomarem, na escola, as atividades/tarefas que forem propostas para fazer em casa.



E AGORA É COM VOCÊ!

As dimensões do trabalho da coordenação pedagógica e as orientações aqui apresentadas tiveram o objetivo de indicar ações necessárias para que se realize e percorra os caminhos para qualificar as práticas educativas na educação infantil. No entanto, diante da diversidade de contextos que as escolas apresentam, os elementos apontados devem ser concebidos como ponto de partida, um início que será acrescido de acordo com o conhecimento e necessidades de cada profissional no desempenho da sua função.

PARA SABER MAIS (Material consultado e referências)

ALMEIDA, L. R. de; PLACCO, V. M. N. (orgs.). **O coordenador pedagógico e o trabalho colaborativo na escola**. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

Ambiente Virtual de Aprendizagem - Ava Moodle: **Orientações para a Revisão do Projeto Político-Pedagógico Escola Municipal de Educação Infantil – EMEI**.

Ambiente Virtual de Aprendizagem - Ava Moodle: **Orientações para o conselho de Classe - 2023**.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. Resolução CEB n.º 5, de 17 de dezembro de 2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, p. 18. 2009.

CARRILLO, Isabel. Dibujar espacios de pensamiento y diálogo. In.: CARDONETTI, V. K. e OLIVEIRA, M. O. **Encontro com diários visuais e/ou textuais: espaço disparador do pensar na experiência educativa**. Pro-Posições. Campinas, SP. Vol. 30, 2019.

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: **identidade, saberes e práticas** / organização Patrícia Diaz e Tereza Perez. -- São Paulo: Moderna, 2023.

FREIRE, Madalena. **Educador, educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KOEHLER, S. M. F. **Violência psicológica: um estudo do fenômeno na relação professor-aluno**. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.apsac.org/>>.

MONTEIRO, Elisabete; INOUE, Ana; AMADO, Cybele (et al.) **Coordenador pedagógico: função, rotina e prática**. Coordenação pedagógica Beatriz Gouveia, p. 88, 2012.

REVISTA NOVA ESCOLA. **Autoavaliação docente: incentivo ao aprimoramento constante**. Acessado em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21303/autoavaliacao-docente-incentivo-ao-aprimoramento-constante>. Data:27/11/2023.

PELLISSARI, Cristiane. Os seis desafios do formador. **Avisa lá 30**. Edição – abril/2007.

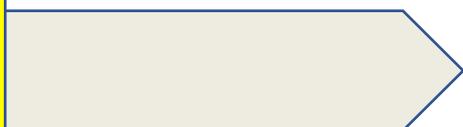
SEMED/GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL. **Registro na Educação Infantil**. 2022.

REINVENÇÃO

Os tempos de hoje
nos exigem reconstrução,
reinvenção de nós mesmos.
Os tempos de hoje
nos colocam diante
do dilema da existência humana:
Vida e Morte,
que acordam e dormem,
todo dia, na mesma cama.
Os tempos de hoje
exigem a obrigatoriedade de sermos melhores,
a cada dia melhores que no dia anterior.
Por isso mesmo é preciso
viver um dia de cada vez.
Os tempos de hoje
nos expõem em carne viva diante
do miudinho do cotidiano, clamando
por empatia e compaixão.
Os tempos de hoje
nos empurram na busca
da ajuda do outro, na
dependência dessa ajuda.
Só podemos ser nós mesmos
mediados pela fala e escrita
do outro, pontes
que nos levam até
nossas profundezas.
Os tempos de hoje
nos exigem reconstrução,
reinvenção de nós mesmos.
Os tempos de hoje
nos colocam diante
do dilema da existência humana:
Vida e Morte,
que acordam e dormem,
todo dia, na mesma cama.
Os tempos de hoje
exigem a obrigatoriedade de sermos melhores,
a cada dia melhores que no dia anterior.
Por isso mesmo é preciso
viver um dia de cada vez.

Os tempos de hoje
nos expõem em carne viva diante
do miudinho do cotidiano, clamando
por empatia e compaixão.
Os tempos de hoje
nos empurram na busca
da ajuda do outro, na
dependência dessa ajuda.
Só podemos ser nós mesmos
mediados pela fala e escrita
do outro, pontes
que nos levam até
nossas profundezas.
Os tempos de hoje
escancaram nossas fragilidades,
nossas vulnerabilidades, a pequenez do milímetro
grão
que realmente somos.
Os tempos de hoje
nos lançam na procura
da linguagem da arte,
porque só a arte
conversa, alimenta,
ilumina, acata,
acalma, acolhe
nossa luz, nossa alma.
Os tempos de hoje
nos lançam na busca
do oxigênio de nossas vidas
de ensinantes, aprendizes,
estudantes permanentes,
que é o conhecimento.
É nesta busca
interminável, eterna,
num país que foi escravocrata,
que nos salvamos do
preconceito, do racismo,
do atraso, da ignorância.
Por mais que nos sangue,
esses são os tempos de hoje.

Madalena Freire. Acessado em: <https://prosaber.org.br/blog/detalhe/reinvencao-por-madalena-freire/>.
Data: 18-06-2026.



ANEXOS

PLANO DE AÇÃO DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA – EDUCAÇÃO INFANTIL – 2024

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

EMEI:

DIREÇÃO:

COORDENAÇÃO E/OU APOIO PEDAGÓGICO:

NÚMERO DE TURMAS

GRUPO 1 ()	GRUPO 2 ()	GRUPO 3 ()	GRUPO 4 MAT. () VESP.()	GRUPO 5 MAT. () VESP.()
PROFESSOR(A): ()	PROFESSOR(A): ()	PROFESSOR(A): ()	PROFESSOR(A): ()	PROFESSOR(A): ()
ASSISTENTES: ()	ASSISTENTES: ()	ASSISTENTES: ()	ASSISTENTES: ()	ASSISTENTES: ()

OBJETIVO GERAL:

DIMENSÕES DE ATUAÇÃO	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PRINCIPAIS AÇÕES e ESTRATÉGIAS	PERIODICIDADE
1. Atendimento a pessoas (direção, pais, secretaria)			Diária e semanal
2. Formação da Coordenação			
3. Formação dos Professores e Assistentes de Educação Infantil			Mensal
4. Revisão do Projeto Político-Pedagógico			
5. Acompanhamento do Trabalho Docente			
6. Acompanhamento da Aprendizagem e Desenvolvimento das crianças			
7. Documentação do Trabalho (Produção de registros)			
9. Organização de acervos, espaços e materiais			
10.			

PLANO DE FORMAÇÃO DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA – EDUCAÇÃO INFANTIL
DADOS DE IDENTIFICAÇÃO
ESCOLA: DIREÇÃO: COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA:
Justificativa (o que será abordado nas formações; as informações que levaram à priorizar os temas): Objetivos (gerais e específicos do plano de formação):
Público-alvo:
Expectativas de aprendizagem relacionadas às crianças (de cada grupo):
Ações fundamentais da coordenação pedagógica para a execução do plano de formação:
PRINCIPAIS AÇÕES/ESTRATÉGIAS (encontros em pequenos grupos, coletivas, individual, observação)
Temas/conteúdos priorizados
Profissionais que serão atendidos
Espaço (local e materiais)
Data / periodicidade
Avaliação

PAUTA DO ENCONTRO DE FORMAÇÃO – EDUCAÇÃO INFANTIL	
ESCOLA:	
DIREÇÃO:	
COORDENAÇÃO:	
PARTICIPANTES:	
DATA:	HORÁRIO:
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM (das crianças):	
CONTEÚDO:	OBJETIVO:
TEXTOS:	
DISCUSSÕES/ENCAMINHAMENTOS RELACIONADOS À PRÁTICA PEDAGÓGICA:	

ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO E REGISTRO DO ENCONTRO DE FORMAÇÃO – EDUCAÇÃO INFANTIL

1. CONTEÚDOS DE FORMAÇÃO

- Defina os conteúdos de formação que julgar relevantes articulando-os com os objetivos, e que atenda às necessidades dos professores. Esses conteúdos podem ser teóricos, conceituais e procedimentais, mas, sobretudo, devem ser conhecimentos necessários para o desenvolvimento do trabalho docente.

2. OBJETIVOS DE FORMAÇÃO

- É importante explicitar os objetivos do encontro, sempre relacionando-os a proposta e aos conteúdos da formação e/ou as razões que gerou a necessidade do encontro.

3. ENCAMINHAMENTOS

- Tendo definido os objetivos e os conteúdos, começa-se então a pensar estrategicamente: que caminho tomar? Como problematizar com o grupo a questão que está no centro da pauta planejada? Aqui deve-se escrever detalhadamente como vamos conduzir o encontro de formação. Como irá encaminhar o encontro de modo a alcançar os objetivos e desenvolver os conteúdos. É preciso realizar a gestão do tempo de modo a priorizar e favorecer a aprendizagem definida.
- Para este planejamento é preciso levar em consideração as diferentes dimensões do trabalho didático (o tempo, o espaço, os materiais e a interação). Procurem pensar em como os professores estarão agrupados (a interação), quando acontecerá cada uma das atividades a ser realizada (o tempo), em que lugar (o espaço), e quais os encaminhamentos que você utilizará.
- Na escolha de leituras de um texto literário para o início da reunião é importante selecionar muito bem o texto que será lido. Compreenda que essa leitura inicial tem como propósito ampliar o repertório leitor dos adultos e criar hábitos de apreciação de textos, o que deve estimular a formação de um círculo de leitores.

4. FECHAMENTO E AVALIAÇÃO

- No fechamento do encontro é importante aproveitar momentos para uma breve avaliação, retomando os objetivos e os conteúdos de trabalho. Até que ponto os objetivos foram alcançados ou foi em parte. Realize diferentes formas de avaliar e registre-as. O propósito é acompanhar qual foi o alcance da formação realizada.
- Pode deixar, assim, para o fim da reunião aquilo que, em outros tempos, seria o principal assunto da reunião: os informes.

5. TAREFAS

- Pode-se orientar uma tarefa para o próximo encontro. Tais tarefas sempre se relacionam a alguma iniciativa do coordenador pedagógico junto ao seu grupo de professores, rumo à implementação das mudanças pedagógicas avaliadas como fundamentais. A orientação da tarefa pode contribuir com que determinados conteúdos tratados no encontro cheguem de fato na sala de aula.
- Caso opte por uma tarefa deve-se registrá-la, apresentá-la e orientá-la para o próximo encontro.

6. MATERIAIS UTILIZADOS

- Faz parte do exercício de planejamento elencar todos os materiais necessários, incluindo não só os recursos tecnológicos, mas, sobretudo, os textos, vídeos, produções que serão objeto do estudo dos professores etc.

O QUE FAZER ANTES, DURANTE E DEPOIS DOS ENCONTROS COLETIVOS

Antes da formação:

- observe o tema proposto para cada dia da formação, previsto em seu Plano de Formação ou caso seja uma proposta enviada pela SEMED (neste caso, adeque conforme as necessidades do grupo e demandas da escola);
- faça a pauta do encontro.
- estude os textos para a formação, reproduza-os com antecedência, preferencialmente com uma cópia para cada participante. Textos mais extensos necessitam de leituras antecipadas, portanto devem ser entregues aos participantes com antecedência e aviso sobre o uso durante a formação.
- combine com os professores de levarem um caderno para anotações, dúvidas e contribuições.
- escolha o espaço mais adequado e selecione os equipamentos e materiais que serão utilizados (textos, vídeos, objetos, etc.); ainda, organize o ambiente de maneira que promova a interação entre o grupo.
- se utilizar recursos eletrônicos (projektor, som, computador, internet, etc.), lembre-se de testá-los com antecedência.

Durante a formação:

Abertura

- Receba o grupo de maneira acolhedora. No início do encontro, pode-se ler em voz alta um texto que se deseja compartilhar, que pode ser conto, história, poesia ou qualquer outro que tenha de autores consagrados e com qualidade narrativa. Essa leitura inicial tem o propósito de ampliar o repertório de leitura dos professores e criar hábitos de apreciação de textos literários.
- Em seguida, pode-se apresentar uma agenda ou dica cultural da cidade ou de um local específico, aproveitando o encontro para troca de informações que podem contribuir para elevação cultural do grupo.
- Compartilhe objetivos, conteúdos e principais encaminhamentos, previstos na pauta (Roteiro para Elaboração e Registro do Encontro de Formação). Combine a

organização e divisão do tempo (início, intervalo e término). Informe o trabalho que será realizado e a relevância do tema tratado. Pense em problematizar com o grupo a questão que está no centro da pauta. Ao sistematizar cada uma dessas etapas, escreva detalhadamente como irá conduzir o encontro de formação, considerando os seguintes momentos:

- a) instigue o grupo a partir de um problema apresentado pelo formador ou professores;
- b) organize questões ou situações que oportunizem ao grupo refletir sobre questões postas no cotidiano e que necessitam de aprofundamento;
- c) faça discussões, inicialmente em pequenos grupos e, depois, coletivamente;
- d) dinamize o encontro com diferentes estratégias, para ilustrar o conteúdo abordado (vídeos, práticas de trabalhos com os alunos, etc.);
- e) explore bem os recursos selecionados;
- f) favoreça a interação e a participação de todos;
- g) registre com fotos os momentos de discussão e estudo.

Fechamento e avaliação a formação

No final do encontro, faça uma síntese do estudo e aproveite o momento para uma breve avaliação, retomando os objetivos de trabalho e pontos essenciais da formação e a própria aprendizagem. Também pode-se orientar uma tarefa para o próximo encontro (a leitura de um texto, uma atividade prática para realizar com os participantes, a elaboração de material). Tais tarefas sempre se relacionam com o tema estudado, rumo à implementação das mudanças educativas avaliadas como fundamentais. A orientação da tarefa pode garantir que determinados assuntos tratados e estudados no encontro cheguem, de fato, na sala de aula. Deixe para o fim da reunião aquilo que, em outros tempos, seria o principal assunto: os informes.

Após a formação

Faça uma síntese escrita sobre o encontro, algo que sirva de apoio para a memória do grupo, auxiliando a retomar aspectos importantes e a proceder a uma nova reunião de formação.

PAUTA DE OBSERVAÇÃO DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

ESCOLA:

DIREÇÃO:

COORDENAÇÃO:

Professor/assistente:

Turma:

Horário:

Foco da observação:

**Objetivos da proposta desenvolvida com as
crianças:**

Anotações:

Discussões/encaminhamentos realizados após observação*:

Assinaturas:

ROTEIRO DE ACOMPANHAMENTO, AUTOAVALIAÇÃO E AVALIAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

Como sabem, estamos finalizando as atividades de mais um ano e ao mesmo tempo pretendemos definir nosso trabalho para _____. Por essa razão, apresentamos o roteiro de como será o processo de avaliação ao final deste período letivo para os/as professor/as que compõem a equipe da educação infantil. O objetivo é analisar as experiências, as estratégias, os instrumentos e as metodologias do trabalho pedagógico realizadas no ano de _____. Isso irá nos ajudar a definir o foco e as prioridades da formação continuada de professores da Rede Municipal de Ensino.

Para isso, cada professor deverá ler e analisar antecipadamente os itens abaixo e registrar na tabela as principais conquistas e os pontos a serem aprimorados. O/a coordenador/a ou direção também deverá ler, analisar e preencher a tabela considerando os mesmos itens. Posteriormente, devem agendar um encontro para conversarem sobre a autoavaliação realizada por cada professor/a e coordenação/direção. Assim, utilizaremos os seguintes aspectos como referência para o desenvolvimento deste processo:

- **GESTÃO DA SALA DE AULA**
- **FORMAÇÃO PESSOAL**
- **PARCERIA COORDENADOR/A – PROFESSOR/A**
- **ENCONTROS FORMATIVOS**
- **ASPECTOS GERAIS**

Assim, organizamos um roteiro básico para que vocês possam pensar prévia e antecipadamente sobre cada uma destas questões:

1. GESTÃO DE SALA DE AULA:

1. Gerenciamento do tempo: organização e adequação da rotina diária e semanal.
2. Registro e sistematização da ação pedagógica: plano semanal/diário/análise de atividades/ intervenções didáticas adequadas / acompanhamento dos processos individuais / estruturação de novas propostas e encaminhamentos / significatividade das atividades que propõe / qualidade do material didático que elabora. Avaliação das crianças: instrumentos utilizados.
3. Controle da turma: intervenções nos momentos de conflitos (brigas, mordidas) / a construção da autoridade do professor/regras/constância e qualidade de encaminhamentos.
4. Intervenção nos momentos de brincadeira e outras atividades: constância, adequação dos encaminhamentos, observação da dinâmica da classe, intervenção direta nos conflitos que ocorrem.
5. Trabalho dos Pais: atendimento aos pais (agilização da comunicação), avaliação da reunião dos pais, participação em eventos.

2. FORMAÇÃO PESSOAL:

1. Que conquistas considera que teve em sua formação pessoal? Que assuntos ou que tipo de conhecimento de formação geral você acha que faz falta em sua formação? Tem tido alguma ação para instrumentalizar-se neste sentido? Qual?
2. Que análise faz de sua história como professor/a? Que assuntos ou que tipo de conhecimentos relacionados aos aspectos pedagógicos mais específicos, você sente falta? Você tem buscado leituras espontaneamente? Tem tido outra ação que não seja essa? Qual? Que conquistas avalia que teve neste aspecto? Como está a sua participação em cursos, palestras?

3. PARCERIA COORDENADOR/A – PROFESSOR/A () PARCERIA DIREÇÃO – PROFESSOR/A ()

1. Relação estabelecida entre coordenador–professor/acompanhamento do trabalho/atendimento às questões trazidas/estudo.
2. Dinâmica dos encontros com a coordenação/providências em relação às solicitações e necessidades/pautas de orientação.
3. Contribuições para a gestão do trabalho de classe.
4. Definições dos desafios para o próximo ano.

5. ENCONTROS FORMATIVOS

1. Dinâmica/pertinência dos temas abordados/selecione uma reunião que você considera como mais interessante, que possibilitou o estabelecimento de novas relações, possíveis reflexões.
2. Justifique sua escolha/avaliação de sua participação nessas reuniões.

6. ASPECTOS GERAIS e OUTROS: o que você considera importante e não está contemplado neste roteiro. Aqui, situam-se também aqueles estritamente profissionais como: horário, pontualidade, assiduidade, cumprimento de prazos em geral, relação de parceria com a colega de classe, ética profissional entre outros.

Procure pensar nestes pontos para que possamos agilizar este processo. Sua avaliação será agendada para o dia _____, às _____ horas.

Para organizarmos melhor esse processo solicitamos que você organize o registro antecipadamente considerando os itens de cada aspecto enumerado no roteiro de avaliação individual:

ASPECTOS A SEREM CONSIDERADOS	SEREM	CONQUISTAS/AVANÇOS	PONTOS A SEREM APRIMORADOS
1. Gestão de Sala de Aula			
2. Formação Pessoal			
3. Parceria Coordenador/Professor			
4. Reuniões Pedagógicas			
5. Aspectos Gerais Assiduidade, pontualidade, cumprimento dos prazos, parceria, ética profissional.			

METAS PARA _____ :

TURMA QUE IRÁ ATUAR EM _____ : _____